



MEU VELHO LAR E OUTROS CONTOS

produção literária
dos alunos do 9º ano A 2019



Coleção Pequenos Autores da Ilha

Meu Velho Lar e Outros Contos

**Produção Literária dos Alunos do 9º Ano
2019**

Sumário

Agradecimentos	5
Apresentação	7
Inverno sangrento	10
A casa de Deus	12
Clynston, o pequeno menino	14
O garoto da bicicleta amarela	15
Mãe	17
Cirurgião da morte	23
O grande herói	26
Do campo para a cidade.....	27
O destino inaceitável.....	31
Perdido.....	32
Onde entra Antonella nessa história?	34
Incomparável.....	37
Um dia deveras irregular.....	39
Sapatos e olhos não brilham	42
Amor proibido	44
A queda	46
Guerra do amor.....	49
Ideologias passageiras.....	51
Em busca de um lar	54
Imprevisto	56
Adeus	58
O massacre da manga	60
Vida nova.....	62
Quando eu menos esperava	64
Meu velho lar	67
Morte ao judeu	74
O caminho do samurai	76
O grande dia	78
Kevin e sua vida na Grande Depressão	79
Mittler, um herói de mentira	81
A Mão do Rei	83
Fantasmas do passado	86
Dois amigos	88

Agradecimentos

Agradecemos à Escola da Ilha por oportunizar, mais uma vez, a continuidade do projeto *Pequenos Autores da Ilha*.

À professora de História, Michele, que explorou, com propriedade e maestria em suas aulas, o tema abordado nas narrativas.

À nossa grande colaboradora Elizabete Motta, que, com muita dedicação e competência, sempre contribui para a realização do projeto.

Aos pais que apoiaram e incentivaram os filhos na criação de seus textos.

A todos que cooperaram, direta e indiretamente, com a confecção e a finalização deste trabalho.

E a você, que, com certeza, vai apreciar nossas comoventes histórias.

Professora Cyntia e alunos do nono ano

Apresentação

Neste projeto *Pequenos Autores da Ilha*, resolvemos priorizar um tema de extrema relevância e complexidade, também muito enfatizado na disciplina de História: O Período Entre Guerras, uma fase da história do século XX que abrange o final da Primeira Guerra Mundial até o início da Segunda, ou seja, entre 1918 e 1939. Esse tempo é marcado por vários acontecimentos mundiais de extrema importância para entendermos a história mundial dos anos seguintes.

Dessa forma, durante o primeiro semestre, nas aulas de História e Literatura, o assunto foi visto, analisado e explorado sob várias perspectivas; momento em que lemos o livro *O diário de Anne Frank* e elaboramos um trabalho referente a ele.

E, por considerarmos que o período histórico estudado é tão fascinante, embora dramático, adotamos, para a composição de nossos textos, um gênero também envolvente: o conto. Essa categoria narrativa cria um universo de seres e acontecimentos reais ou imaginários em uma estrutura fechada, centrada em um único conflito, com uma história que dispõe de clímax e desfecho inesperado, surpreendente, o que provoca no leitor um efeito de admiração, espanto, medo, desconcerto, entre outras sensações.

Neste livro, os nossos escritores evidenciam o talento que têm ao extravasarem criatividade, emoção e conhecimento na construção de suas redações. Tantos atributos são consequência de demasiado empenho e comprometimento com o trabalho proposto, o qual foi tão bem executado. Perspicazes e habilidosos são palavras que os definem bem!

As histórias aqui narradas seduzem o leitor, visto que são inspiradas na vida real. Trágicas, dramáticas, comoventes? Sim! Contudo, o imprevisível, inusitado e extraordinário - características acentuadas desse gênero textual - sucedem no desfecho de cada trama.

Confira! Vale a pena prestigiar o talento oriundo dos nossos “pequenos autores” com a leitura de *Meu velho lar e outros contos*.

Cyntia Regina Lopes



**"Guerra é violência."
Giovanna Laporta Barbosa**

Então, que a paz prevaleça!

Inverno sangrento

Esticando seus braços miúdos para coletar um gracioso floco de neve, Kielo o observava cair com admiração. Quase nunca tivera chance de aproveitar as maravilhas do inverno, já que seus pais não lhe permitiam sair de casa no frio. Mas, como havia crescido e já era uma criança maior, passou a ter algumas horas de liberdade por dia.

Quando o floco tocou a pele da garota, esta ficou desapontada em vê-lo derreter e desaparecer tão depressa; esperava guardar o pedacinho de inverno consigo quando sentisse falta daquele espetáculo que era a neve.

Então esticou as mãos em outra direção, atraída por um floco de neve diferente. Ele era negro, de uma cor que nunca vira antes. Mas quando ele chegou às suas mãos, não derreteu. A garota estranhou, pois não era gelado, mas, sim, quente. Olhando para o seu núcleo, ainda era possível observar um brilho enfraquecido. Ele estava queimando. Queimando, assim como a cidade Helsínquia, a cidade de Kielo.

Ela olhou para o lado, e havia outro floco negro. Logo apareceram outros dois; e, antes que tivesse tempo de reagir, Kielo percebeu que o céu fora tomado pela fuligem, e que esses vestígios de fogo a cercavam por todas as direções.

A pequenina não compreendia o que estava acontecendo, mas pôde entender que não era nada de bom quando um estrondo ensurdecido fez tremer a cidade.

Ela começou a entrar em desespero. Surgiram muitas pessoas correndo para dentro da floresta; e, com o intuito de não ser atropelada, a garota foi seguindo a multidão, seu coração ficava mais pesado a cada passada que dava.

Em certo ponto, ficou tão apavorada que suas pernas pararam de se mexer, e foi obrigada a se encostar a uma árvore. Finalmente, liberou seus sentimentos e se derramou em lágrimas.

Chorou porque só saíra de casa para admirar a neve; e de repente as casas começaram a pegar fogo e bombas a cair do céu. Chorou porque se sentia só e, no meio daquela confusão, ela seria apenas mais uma pedra no caminho a qual as pessoas ignoravam, pois todos estavam ocupados demais salvando as próprias vidas. Começou a soluçar, porque queria voltar ao abraço quentinho e reconfortante de seus pais, e não ficar naquele lugar

cujo calor era somente de um fogo infernal, que ia aos poucos tomando a cidade e a fazenda sucumbir.

Subitamente, Kielo sentiu a puxarem pela gola de seu vestido e, sem poder resistir, a garota se viu encarada por um homem asqueroso, com um tremendo desgosto expresso no olhar.

Depois de examinar a garota, o homem, sem piedade, jogou-a contra o tronco da árvore, e ela perdeu a consciência com o impacto.

Quando voltou a si, percebeu que o fogo alcançara a floresta e que, se não fosse logo embora dali, Kielo também queimaria.

Mas ela não conseguiu se mover. Na verdade, naquele instante não conseguia nem respirar, era como se o ar fosse denso demais, e cada inspiração a deixava cada vez mais próxima da morte. Aquele ar tóxico da queimada começou a penetrar seus pulmões, e ela não pôde fazer nada senão tossir incontrolavelmente até o fim.

E, lá no fundo, ela sabia que não a salvariam. Não porque merecia aquilo ou algo do tipo, nem nada supersticioso. Ela apenas sabia disso, pois quem poderia ajudar estava causando toda aquela destruição. E as outras pessoas não estavam dispostas a ajudar, pois elas eram como Kielo, precisavam ser ajudadas.

Sem esperança alguma e pensando, a cada momento, que queria ver seus pais, Kielo morreu. Uma das muitas vítimas do Bombardeio de Helsínquia.

Natália Fulco Moredo

A casa de Deus

Numa noite chuvosa de inverno, logo após me deitar na cama, escutei batidas na porta. Como chovia e ventava forte, torci para que fosse algum galho batendo na madeira da varanda, mas o som se repetia, teria que levantar. Tremelicando de frio, saí da cama e procurei a lamparina, quando a acendi, sua luz se dispersou para todas as direções, lançando sombras bruxuleantes nas paredes, o que me deixou assustado, mas homem religioso que sou, me peguei à fé e me redirecionei para a porta.

O som havia cessado, mas de repente escutei um outro barulho, parecia o miado de um gato. Meu coração disparou, pois não havia nenhum bichano nas redondezas. O som se fez mais forte, e pude notar que era um choro de criança. Tomado de coragem, abri a porta. Fui atacado por uma rajada de vento forte e frio que fez os pelos da minha nuca se eriçarem, e um arrepio percorreu todo o meu corpo. A lamparina se apagou; tomado de pânico, pensei em fechar a porta, mas, ao olhar para baixo, vi um caixote.

Como um toque divino, um relâmpago iluminou a varanda, e pude ver duas pequenas mãozinhas se mexendo dentro do caixote de madeira. Olhei ao redor procurando por alguém, mas no breu da noite apenas observei o ambiente que já conhecia e não notei nada de estranho. Levei o caixote para dentro. O bebê chorava estridentemente, com certeza era pelo frio, enrolei-o num cobertor e, com ele no meu colo, sentei na beirada da cama, tentando acender a lamparina. O bebê, aquecido, me lançou um pequeno sorrisinho, não parecia estar com fome, apenas com frio, parecia ser um bebê bem cuidado, e logo em seguida adormeceu.

Fui até o caixote onde o encontrei, e dentro vi uma carta. Não havia mais nada além do trapo em que o bebê estava enrolado; quem o deixou ali realmente estava em desespero. A carta escrita com uma letra feminina dizia o nome da criança e o motivo de estar o deixando ali. Falava da crise que assolava o país e das perdas financeiras que a família teve. O pai havia cometido um ato insano, deixando essa mulher sozinha com quatro filhos para criar, ela deixou o caçula ali porque não tinha condições de fazer a viagem para os grandes centros urbanos com ele. Por isso pedia para que cuidasse desse pequeno e que contasse a verdadeira história de sua vida quando ele crescesse.

Voltei para a minha cama e observei aquele pequeno pedaço de gente dormindo, tão calmamente e já carregando uma grande e triste história. Ele era mais uma vítima da crise de 29.

Os anos se passaram, e o pequeno crescia entre os cuidados de Maria, a faxineira da paróquia, a bíblia e missas. Mas algumas pessoas maldosas diziam que, com certeza, ele era meu filho, e que fora abandonado na porta por alguma mulher com quem eu havia me envolvido.

Por isso, no seu aniversário de 10 anos, resolvi contar toda a verdade, pois o pequeno sofria com brincadeiras das outras crianças que o chamavam de mula-sem-cabeça. Porque o filho de padre com outra mulher virava mula-sem-cabeça. E ele temia que, ao virar adulto, se tornasse esse bicho, arrastando correntes pela cidade. Quando contei a sua verdadeira história, ele chorou, não de tristeza, mas de alívio, por não ter que virar essa assombração.

Cresceu e acabou se tornando um rapaz forte, alto e musculoso, que atraía a atenção das moças do local. Todos diziam que seus músculos vinham de tanto tocar o sino da igreja. Sempre achei que ele iria me deixar e procurar sua família de sangue, porém os anos se passaram e ele ficou ao meu lado, era um jovem sorridente e de muito bom humor.

Nada justificou quando, numa manhã fria e cinzenta, vieram me chamar porque o sino não havia tocado e a missa estava para começar. Mas por que o sino não tocaria? Fomos todos direto para o campanário; e, ao chegar lá, deparei-me com uma cena chocante. Ao lado do sino, havia o corpo jovem do meu filho amado pendurado, agora sem vida. Como justificar tamanha dor no meu coração ao descer aquele corpo jovem e bonito, outrora cheio de alegria?

Havia um pedaço de papel no seu bolso. Não me culpava nem culpava a Maria, nem mesmo a doce garota pela qual tinha uma paixão. Mas ele queria ver Deus, queria encontrar esse reino de felicidade que ouvia desde pequeno. Queria conhecer a casa de Deus.

Augusto Henrique de Souza Miranda

Clynston, o pequeno menino

Em 1939, um menino de doze anos de idade, cujo nome era Clynston e de origem alemã, estava passando por um período difícil, pois a Primeira Guerra fez com que ele perdesse seu querido pai. Morava com a mãe Edith e a irmã mais nova Eduarda em um pequeno apartamento de classe média.

Na época, a Alemanha também estava em uma época difícil, o país poderia sofrer um ataque a qualquer momento, estava abalada, pois poderia ter outra grande guerra.

No dia 30 de julho, o garoto estava contente, pois faltavam menos de cinco dias para seu aniversário de treze anos; porém, sua família não tinha muitas condições de fazer algo tão bom, pois não tinham como ganhar dinheiro, então tiveram que improvisar. Compraram uma gelatina, um rocambole e um suco de laranja para fazer uma pequena festa de aniversário para o menino Clynston.

No dia primeiro de agosto, a mãe de Clynston ficou apavorada, pois ficou sabendo que um soldado alemão disse que iria mudar a Alemanha para melhor e que iria ocorrer outra grande guerra para recuperar seus recursos. A mãe, com medo de que pudesse acontecer algo, pensou em fugir com os filhos, porém não existia modo de se mudar.

No dia do seu aniversário, Clynston pôde estar com a família, porém logo bateram à porta de sua casa, com mandados de que teriam que ajudar na grande guerra.

Clynston foi obrigado a virar soldado e morreu na guerra.

Julia Ramos da Silva e Isadora Rodrigues Pacheco

O garoto da bicicleta amarela

Mary nasceu no final da Primeira Grande Guerra. Ela era a segunda filha da família Hartmann. Uma nova esperança para nós, que tínhamos perdido muito na guerra. A minha mãe, Lucy, estava triste desde que meu pai foi ferido e perdeu a perna na guerra, por causa de uma infecção num ferimento. Ele lutou nas trincheiras da fronteira com a Alemanha. Além disso, tínhamos perdido a nossa casa, pelas invasões militares e tiros de canhão que a destruíram. Por sorte, estávamos escondidos na Igreja e só ouvimos os barulhos dos bombardeios. Conhecemos os aviões na guerra, pois deles vinham tiros de balas e bombas.

Enfim, Mary veio para aumentar a família e trazer alegria a todos, menos para mim. Pois, nos primeiros meses, ela foi o centro das atenções. Ali percebi que não teria mais atenção deles. Eles eram muito bravos antes de Mary nascer, mas agora estavam felizes com a Mary e mais chatos comigo, e diziam: “Meredith, lava a louça”, “Meredith, dá comida para a Mary”, “Meredith,...”

Sim, meu nome é Meredith e tenho 16 anos, odeio meu nome, mas ninguém pode escolher seu nome mesmo! Vivi período de guerra.

Vi a cidade ser destruída e famílias separadas, amigos mortos por estilhaços de armas de fogo, lança chamas ou minas terrestres, mas, apesar dessas lembranças tristes, minha irmã veio num momento de paz.

Nossa cidade fica na França, na fronteira com a Alemanha. Estrasburgo foi o centro da disputa entre a Alemanha e a França. No final da guerra sangrenta, em que todos nós sofremos, a cidade voltou a ser francesa, pelo Tratado de Versalhes. Então, quando Mary nasceu, estávamos felizes por sua chegada, mas tristes com as consequências da guerra.

Enquanto lavo a louça, entediada, olho pela janela e vejo tanques de guerra, vidros quebrados, pessoas na fila esperando por comida e um garoto que vinha andando com uma bicicleta amarela.

- Meredith, traga meu chá, por favor!

A voz de meu pai me despertou dos meus pensamentos e deixei cair o prato enquanto o garoto passava de bicicleta pela minha janela.

- Já vou, papai!

- O que aconteceu? Disse meu pai.

- Estava distraída e, por um segundo, deixei cair um prato.

- Você deve prestar mais atenção, a vida está muito difícil com o fim da guerra.

- Sim, papai. Mas a vida vai melhorar e a cidade vai se alegrar. Posso passear de bicicleta?

- Pode, mas vá com cuidado e volte antes de as luzes se apagarem.

Peguei a bicicleta e fui em busca do garoto da bicicleta amarela pelas ruas de Estrasburgo.

Gabriel de Assis Oliveira Canella

Mãe

A infelicidade alheia sempre chama plateia. Aiko gostava de pensar que esse fenômeno acontecia pelo simples sentimento de pena ou, até mesmo, empatia. Mas, quando a aglomeração se formou, não foram tais emoções que enxergava.

Durante seu espetáculo, só via o alívio. Assistir à sua desgraça servia como seu consolo para as pessoas, era aquele tapinha nas costas amigo. Mas, apesar da raiva, Aiko sabia que não estava sendo justa ao julgar sua plateia. Nada podia ser feito em questão à sua punição. Só estavam aproveitando a situação para acalmarem suas dores. Realmente, queria odiá-los, mas não tinha esse direito, do mesmo modo que sua plateia não tinha direito de contestar diante da situação.

Os olhares continuaram atentos ao ato até o fim, quando só se tinha a imagem da pobre menina no chão, o que já não era agradável de ver; e, bem, o público só vê o que quer.

Sendo assim, Aiko sentiu-se livre para rastejar para onde quisesse sem ser vista, e logo o fez. Praticamente teve que ir jogando-se pelo chão para chegar a uma parede extremamente próxima ao lugar em que estava, onde se escorou e ficou sentindo fortes latejos por todo o seu corpo. E, sem noção do tempo, ficou ali, parada, pelo que podiam ser dias ou minutos.

- Pegue.

Um punhado de arroz entrou no seu campo de visão. A fome falou mais alto que a educação e a fez agarrar o pote com precisão e rapidez, sem nem mesmo ver de onde vinha. Engoliu de só uma vez a refeição e só assim teve forças para encarar seu benfeitor, ou benfeitora; sua excitação a fez incapaz de perceber se era homem ou mulher, e continuaria com a dívida da dúvida, pois a pessoa já não estava mais ali. Em seu lugar, só havia um pequeno pedaço de papel com uma caligrafia trabalhada, o que fez Aiko quase chorar de raiva. Como alguém esperaria que ela, apenas uma guria da rua, conseguisse ler?

Com dificuldade, levantou-se e foi à procura da pessoa. Provavelmente não iria encontrá-la, mas a menina era muito curiosa para deixar de tentar e, aliás, não tinha o que fazer com o pote em suas mãos.

Decidiu seguir pelo caminho mais óbvio e entrou no estabelecimento que há pouco usara como escoro. Pelo fato de estar noite, o local era até bem movimentado, com pessoas entrando e saindo a todo instante, o que

causou, a princípio, estranhamento na jovem, mas logo entendeu e fez questão de sair daquele lugar vulgar o mais rápido possível.

Rubra de vergonha, continuou seu caminho. Passeou por um bom tempo, passando por casas nobres e imponentes e por pequenos barracos; e apenas quando percebeu que não era muito seguro continuar pelas ruas, voltou à estaca zero e deixou-se descansar num pequeno beco praticamente do lado de onde antes havia recebido ajuda.

Ao raiar do sol, Aiko foi acordada de modo grosseiro. Estivera tão cansada pela noite, que não chegou a reparar realmente onde estava, e foi uma grande surpresa quando uma mulher, aos berros, a tocou dali na tentativa de abrir sua lojinha.

Sem rumo, Aiko ficou cercando o bordel, que não era tão badalado de dia, na esperança de deparar-se com alguma pista sobre seu ajudante. A própria considerava o que fazia uma perda de tempo, mas, como tempo ela tinha de sobra, não teria diferença ao entreter-se um pouco.

À medida que o dia ia passando, o clima que, no início estava agradável, foi ficando mais e mais insuportável; as pessoas estavam abatidas, pingando suor, mesmo que já tivessem usado todas as técnicas para manterem-se sãs no meio de tal ambiente. Aiko não era diferente, a sujeira e suor tinham se misturado em seu corpo, formando um tipo de gosma que variava de tons de marrom para preto.

Mais tempo se passou, e nada. Enfezada com o calor, com as pessoas a encarando, com lojistas desconfiados e, principalmente, com a falta de sucesso em sua procura, desistiu por esse dia.

Seguindo um caminho bem conhecido por aquela garota, foi parar em um riacho um pouco longe da cidade, onde lavou seus braços, pernas, rosto e pescoço; nunca se sentiu segura de tirar toda sua roupa estando sozinha num lugar afastado. Aproveitou e passou uma água no pote em que recebeu o arroz, que ainda levava consigo.

Mais dois dias haviam passado quando definitivamente parou de procurar, tinha que dar um jeito de arranjar dinheiro para poder comer, o que não daria certo se estivesse rondando o bordel dia após dia; e, depois daquele incidente, não tinha mais coragem de roubar.

Foi andando, cabisbaixa, agora definitivamente sem rumo e sem visão de uma melhora pela frente. Como já estava noite, a rua estava majoritariamente quieta, apenas por exceção do bordel. Foi chutando uma pequena pedra por todo o caminho, qualquer que fosse ele. Preparava-se

para chutá-la novamente, firmou o pé de apoio no chão, o outro levou para trás lentamente, dramatizando o momento, e finalmente o fez. Seus dedos doíam por ter depositado toda a sua força naquele momento, mas não a impediu de sair correndo para alcançar a pedrinha, que na verdade nem tinha ido tão longe.

la de forma despreocupada, rindo e apenas olhando para o chão enquanto perseguiu o objeto, nem percebeu na mulher que passava logo à frente dela, em quem esbarrou. Foi direto ao chão, o que garantiu para ela um novo arranhão.

- Desculpa! - Aiko disse enquanto aceitava a mão que a mulher estendeu em sua direção.

- Você está imunda. Venha!

A menina, meio desorientada, foi junto à moça de trajes simples, mas que estavam definitivamente em melhor estado que a sua roupa, que já estava pequena e tinha perdido há muito tempo qualquer que pudesse ser sua beleza.

Enquanto seguia o caminho, a mente de Aiko estava confusa, tentando entender o que estava acontecendo e se havia tomado a decisão certa ao ir com a mulher. Mas, mesmo inquieta sobre a situação, se sentia confortável ao lado de sua acompanhante.

- Nós já nos conhecemos? - Aiko quebrou o silêncio.

- Não que eu me lembre.

As duas continuaram quietas até chegarem a um casebre afastado, quase que na floresta, onde se podia encontrar o riacho de Aiko.

- Quando você caiu, por que você segurou esse pote em vez de apoiar as duas mãos no chão? - Apontou para o objeto em suas mãos - Se não o fizesse, não teria se machucado.

- Não sei. Fiz totalmente sem pensar.

O pote de arroz rodava nas mãos de Aiko, que o analisou por completo, seu tom marrom por ser de madeira, seu tamanho que cabia certinho em suas duas mãos e seus pequenos e trabalhados entalhes, que formavam belas flores.

- Ele é importante para mim, acho.

A mulher, que agora estava de costas mexendo em suas gavetas, assentiu devagar. Com a luz flamejante de velas, Aiko pôde ver o quão linda a moça à sua frente era, mesmo vestindo um quimono simples, a beleza dela era notável.

- Deite-se ali! – Ordenou, enquanto gesticulava em direção a uma pilha de palha bem organizada, que parecia servir de cama.

A mulher trouxe em suas mãos um pote com água e um pano e, com isso, foi limpando os ferimentos de Aiko, dos mais recentes aos que já estavam quase cicatrizando. A menina ficou estática, apenas analisando enquanto a outra trabalhava, a sensação de conhecê-la ainda estava presente.

- Eu sei que te conheço de algum lugar.

- Se você acha...

- Eu tenho certeza. Você tem alguma loja? Um restaurante?

Aiko não parava de fazer perguntas, e todas eram respondidas com um simples “não”, ainda assim ela não se dava por satisfeita e continuava.

- Acho que já deu de perguntar...

- Tem certeza mesmo que você não trabalha lá no centro? - Aiko falou, cortando a frase da mulher.

- Tenho! - Disse rispidamente - Agora assopre as velas e venha dormir.

Enquanto a moça deitava-se, Aiko foi fazer o que foi pedido. Chegou à mesinha, em que viu a outra mexer para pegar o pano e água, e se aproximou. Assim que foi assoprar, percebeu que uma das gavetas ainda estava aberta, fechou-a, assoprou as velas e foi correndo em direção à mulher.

- Obrigada!

- Pelo quê? - Perguntou a moça, desorientada, meio bêbada de sono.

- Você sabe o porquê.

Mesmo estando abraçada com a mulher, não pôde deixar de notar o pequeno sorriso que ela esboçou.

- Ei!

- O que foi? – Falou, já trocando o sorriso por aborrecimento.

- Nós não nos apresentamos. Eu sou Aiko, e você?

- Hana.

Naquela noite, a menina finalmente foi dormir feliz, sonhando com os potes que havia visto na gaveta, eram de madeira, com o tamanho que cabia certinho em suas duas mãos, com pequenos e trabalhados entalhes, que formavam belas flores.

O tempo foi passando, e as duas não se separaram mais. Aiko fazia as tarefas domésticas enquanto Hana saía para trabalhar, e assim foram criando uma rotina.

- Como se escreve Hana? - Perguntou a menina enquanto fazia o almoço com a ajuda da maior.

- Vem aqui.

Aiko foi acompanhado Hana até ela parar em frente à mesinha, abrir uma das gavetas e pegar uma folha, um pincel e tinta. Com delicadeza, escreveu símbolos pela folha e, quando parou, apontou e disse:

- Este é Hana, e aqui está o seu nome, Aiko. Pegue e tente imitar.

Hana voltou ao almoço enquanto a mais nova continuou no mesmo lugar tentando, meio trêmula, copiar o que estava escrito. Correu para mostrar seu trabalho quando terminou.

- E como se escreve árvore? E cachorro, galinha, coel...

- Aiko! Vem terminar aqui!

Aos poucos, a jovem ia aprendendo um pouquinho de tudo. Hana começou a ser sua professora nas horas vagas e assim foi ensinando-lhe tudo o que sabia.

- Eu trouxe algo - Hana falou, entregando um tubo de papel a Aiko.

- É o que eu te pedi?

Ao receber uma afirmação, a menor já foi se atirando no chão e abrindo o novo presente: um mapa.

- Vem aqui e me mostra.

- Olha, aqui é onde estamos, no Japão, aqui é a China, União Soviética, Filipinas...

- É aqui que estamos quase entrando em guerra? - Aiko disse, apontando para China.

- Infelizmente, sim.

- Infelizmente por qual motivo? A ideia de expandir o território é para combater a fome e miséria? Mas isso não é ótimo pro Japão?

- Pro Japão, sim. - Suspirou - Vou sair de novo e, quando voltar, quero esse chão limpo. Tchau!

- Você vai continuar a falar desse assunto depois, não é? - Disse com esperança, mas Hana já estava longe demais para ouvir.

E as estações foram passando, e com elas Aiko foi crescendo. Completava seus 13 anos quando começou a frequentar a escola, e aos poucos foi recebendo mais e mais conhecimento. Sempre amou aprender com Hana e passou a amar mais ainda.

- Hana! Hoje o professor falou que o Japão está ficando cada vez maior! Imagina o mundo inteirinho nosso! Ia ser ótimo!

E assim Aiko foi espalhando seus pensamentos para onde ia, o que a fez cada vez mais distante de Hana, que nunca lhe havia dado um incentivo ou opinião, mas o silêncio não mente, Aiko tinha plena consciência do que Hana achava.

- Tchau! Estou indo para o trabalho e volto mais tarde.

- As sobras do almoço estão aqui. - Aiko entregou a sacola - Vou ficar estudando. Se cuide!

A jovem continuou revisando o conteúdo e foi pegando no sono, ia bocejando, esfregando os olhos até que não conseguiu resistir e dormiu ali mesmo, na mesa.

O sol entrou aos poucos e iluminou a casa, veio trazendo um calor agradável que acordou Aiko, mas o conforto do sol não a fez menos desesperada quando teve que sair correndo de casa para chegar a tempo na escola, mas no caminho algo a conteve de continuar.

O antigo bordel estava mais agitado que o normal, principalmente por ser de manhã. Aiko fez o seu caminho até a porta do local e foi quando viu tudo em cinzas.

- Eu ouvi falar que aqui só tinha mulheres de outros países. - Alguém falou ao fundo.

- Eram chinesas? - Uma segunda pessoa perguntou.

- Deviam ser, só elas iriam cometer tal vulgaridade.

Mas Aiko não conseguia prestar atenção, porque a única coisa que ela enxergava era a bolsa, que entregara na noite passada para sua mãe.

Clara Pedralli Takasaki Carvalho

Cirurgião da morte

Richard Trager é um ex-médico que atuou na Primeira Guerra Mundial como um dos maiores de todos os tempos, salvou milhares de soldados feridos e até mesmo liderou um batalhão! Já tendo visto de tudo, Trager desenvolveu certos traumas pós-guerra; e, devido a isso, foi expulso de sua casa pela esposa, a qual sentia medo de algumas atitudes suas.

Desolado, Trager resolveu voltar para a terra onde nasceu, com o objetivo de viver uma vida pacífica, próximo de parte de sua família. E, então, determinado, Trager inicia sua viagem para a Itália.

Após uma longa e árdua viagem, Trager chega ao seu tão aguardado destino, dia 22 de outubro de 1921, e se instala provisoriamente na moradia de alguns familiares enquanto negociava uma cabana em uma pequena e pacata floresta, um pouco afastada da cidade, que é comprada pelo mesmo semanas depois.

O ano é 1925, dia 25 de fevereiro. Trager está furioso e esbravejando xingamentos em Italiano:

- CAZZO!!! VAFFANCULO!!! Esses políticos imbecis! Como essa gente estúpida acredita que o fascismo é algo bom??? Só podem estar de brincadeira!!! Essa censura ridícula me dá nos nervos!!! Não aguento mais! Tomarei uma providência imediatamente!!! - Então, furioso, Trager sai em busca de folhas de papel, adquirindo dez mil unidades, e retorna para sua cabana, que agora não era tão “pacata” assim.

Chegando a casa, escreve um artigo contando a verdade sobre o fascismo, escreve sua opinião sobre o movimento e comenta sobre o total desprezo em relação aos direitos humanos, a censura nos jornais, o desprezo pela cultura e a utilização da religião como forma de manipulação. E, com árduo trabalho em dois meses, ele, com a ajuda de um mimeógrafo, garante dez mil cópias desse arquivo. É claro que algumas eram consideradas ilegíveis, porém ele estava se sentindo orgulhoso. E, com grande determinação, ele sai para espalhar as cópias do artigo pela cidade. Depois de três dias de grande trabalho, ele distribuía todas as cópias pela cidade.

Aproximadamente duas semanas depois, Trager, que estava falando sozinho, escuta batidas em sua porta, e, calmamente, ele se dirige à porta e, quando a abre, para sua surpresa, não vê ninguém, porém vê uma carta e uma foto no pé da porta. Com curiosidade, pega a mesma e, no mesmo

instante, lágrimas desabam de seus olhos, e ele grita. Em um profundo desespero, Trager lê a carta, que estava molhada devido às suas lágrimas, e rapidamente corre para dentro de casa. Tranca todas as portas enquanto se aproveita de seus conhecimentos militares: arma poderosas barricadas, produz bombas de fumaça e gás de pimenta, faz coquetéis molotov e explosivos, além de manter consigo uma M9 baioneta, um rifle de assalto e uma pistola, caso necessário. Armou pequenas armadilhas pela casa e se escondeu em uma sala que continha equipamentos militares, que estava escondida atrás de uma estante presente em seu quarto, e permaneceu lá por três horas em um completo silêncio. Até que ouviu passos do lado externo de sua moradia e, logo em seguida, pessoas falando:

- Soldados! Nosso objetivo aqui é o assassinato do médico Richard Trager! Ele é um ex-soldado, considerado um dos melhores, não o subestimem!

E então Trager ouviu a porta de sua casa ser arrombada, e, com medo, lembrou que conhecia a voz que acabara de ouvir, lembrara-se de uma de suas batalhas, quando toda sua unidade foi morta e ele foi forçado a lutar; e, com pouca munição, adentrou ao campo de batalha onde encontrou apenas um homem, com pouca munição também. Eles trocaram tiros, e a munição de Trager acabou primeiro. Então partiu para cima do mesmo, que rolou e, por pura sorte, desviou de dois tiros; após, enfiou uma lâmina na barriga do inimigo e depois saiu correndo.

Trager agora estava em sua casa, ouvindo os soldados destruírem sua casa em busca dele próprio. O ex-soldado imaginou que havia em torno de três ou quatro homens. Então, ouviu passos dentro de seu quarto, onde os soldados moviam tudo de lugar em busca de algum esconderijo. Até que moveram a estante que protegia Trager, que rapidamente atirou nos dois que entraram em seu quarto, alertou a todos os presentes na casa onde ele estava devido ao barulho da arma. O mesmo viu o seu antigo “conhecido” entrar no cômodo e encará-lo, que atirou. Mas seu inimigo bloqueou os tiros com um escudo blindado, que possuía, e, com raiva, gritou seu nome:

- TRAGEEER!!!! NUNCA ME ESQUECEREI DA CICATRIZ QUE VOCÊ ME DEIXOU NAQUELE DIA!!! - E disparou três tiros à queima roupa em Trager, que caiu no chão e esbravejou:

- VAI A CAGARE!!!

Então o inimigo virou de costas e disse:

- Morra em uma morte lenta, Trager. Por cometer um atentado contra o fascismo, arrepende-se!!!

Trager, aproveitando que o inimigo virou de costas, usou as últimas forças que possuía e, em um salto, fincou a faca nas costas (região do pulmão) e disse:

- O-o que significa aquela foto? V-você matou a mama??? Por que tirou uma foto dela m-morta?

Trager, sofrendo de diversas hemorragias e dores, desmaiou antes mesmo de ouvir a resposta.

- M-mama? D-do que v-você está falando? Nós, soldados do g-governo, não matamos sua mama, eu g-ga-garan... - E ambos caíram ao chão, já sem vida.

Ian Pablo

O grande herói

No ano de 1920, um professor chamado John Lamarque vivia no Reino Unido e dava aula de história. Devido à época de dificuldade econômica, após a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, o colégio em que John lecionava história não conseguia se manter, por falta de verbas governamentais. Consequentemente, a escola não teve dinheiro para pagar aos professores que ensinavam, e apenas John continuou ensinando o que tinha de conhecimento na vida para seus alunos. E, ao fim de cada aula, ele dava pãezinhos às crianças e as mantinha abrigadas no colégio; de noite, contava a elas histórias da Grande Guerra.

Em uma certa noite, estava fazendo muito frio mesmo em um local preparado para aquele tipo de clima, ele, então, resolveu pegar seus antigos casacos e distribuiu-os para as crianças.

Na manhã do dia 12 de julho, o dia estava lindo, com neve e um belo sol. John levou seus alunos para passear no lado de fora do colégio. Poucas vezes podiam sair, logo aproveitaram o passeio, porém mal sabiam o que os esperava: gangues andando pela rua, atrás de recursos para sua sobrevivência. As crianças e John, com medo, resolveram correr para dentro do colégio, porém as gangues armadas entraram no colégio e roubaram os recursos dos alunos. John, para proteger as crianças, tranca-se com elas em uma sala de aula. As crianças, com medo, ajudam a botar as carteiras na portar para impedir a passagem dos ladrões, porém não foi o suficiente. Eles entraram e gritaram que todos iam morrer, mas John gritou:

Não as machuque, por favor! Se tiverem que matar alguém, que seja eu.

Os *gangsters*, sem mais nem menos, tiraram John da sala e o balearam até a morte. Os *gangsters* pegaram o que restou e foram embora.

E, assim, morre o grande herói de pequenas crianças pobres.

Lucas Baptista de Menezes e Pedro Alves Bittencourt

Do campo para a cidade

Um Passat azul seu Lineu estacionava delicadamente em frente à casa de sua filha. O sorriso de orelha a orelha, estampava sua face idosa. Estava feliz, é claro, reveria seus filhos e netos em uma grande reunião de família. Todavia, isso o lembrava Sebastiana, sua esposa, que morreu por conta de uma rara doença.

Adentrou a casa, sendo recebido com abraços e beijos. Perguntas sobre sua saúde não foram esquecidas pela filha, afinal, o passado de Lineu não foi muito generoso. Os netos pulavam em seus braços, sem lembrar que o avô é um homem de idade. O resto o cumprimentou puxando pequenas conversas até o almoço ser servido.

No momento em que foi servido o almoço, as crianças correram em direção à mesa, porém foram interceptadas com o propósito de deixar os mais velhos se servirem primeiro. Servidos e satisfeitos, todos se sentaram nos sofás para descansar.

- Vô, por favor, conte-nos alguma história sua de aventura - pediu Júnior, seu neto, com entusiasmo.

- Júnior, o vovô já contou todas as histórias para vocês - disse Lineu, pensativo.

- Pai, o senhor nunca nos contou suas histórias nas plantações de café aqui no Brasil - relembrou Maria, sua filha, e ele assentiu.

- Não sei se vocês já sabem, porém, no ano de 1928, herdei hectares de plantações de meu pai. Meu velho adoeceu e alguém precisava tomar conta do local por ele. Houve brigas e brigas entre os irmãos, para ver com quem ficariam as terras. A política do irmão mais velho não funcionava na nossa família, pois meu pai nunca concordou com isso.

Competição atrás de competição para provar ao papai quem era o melhor, e eu comecei com desvantagem, por ser o menor. Foram dias de muito esforço, até a grande decisão chegar. Ainda me lembro daquele dia como se fosse ontem, os quatros, agora homens, sentados à mesa esperando ansiosamente a fala do pai. Depois houve todo o discurso de como todos eram merecedores.

Assim que ele anunciou, gritei de euforia. Os outros, irritados, começaram uma briga que se perpetua até hoje. Nunca mais olhei na cara deles, felizmente.

Quando assumi, continuei o legado de seu bisavô, entretanto era totalmente ofuscado pela febre do momento: o café. Era a maior parte da economia do país. Vendia nacional e internacionalmente. Como não era estúpido, fui atrás para plantar em meu território.

Rodei o estado de São Paulo inteiro para achar um fornecedor que vendia sementes mais em conta; até que, enfim, o encontrei. Rumei de volta a casa para tentar enriquecer nessa vida.

Passei dias rezando e pedindo a Deus o bom e o melhor para o meu cafezal. Como Deus é bondoso, o café começava a ser exportado cada dia mais.

Por vários meses, eram quilos de café. Eu me tornei um legítimo Barão do Café. Mulheres corriam atrás de mim, menos uma, sua vó. Ah, aquela mulher era irresistível! Com seus cabelos vermelhos cor de fogo, era a única que me ignorava, não queria nada comigo; porém, eu queria formar uma família com a moça.

Foram meses de tentativas para conquistá-la. Chegou um momento em que eu desisti. Não aguentava mais ser esculachado e ficar correndo atrás de quem não me queria. A partir desse momento, sua avó começava a se apaixonar pelo bonitão aqui - contava o avô, dramatizando, e todos prestavam atenção, como se a seleção estivesse entrando em campo para mais uma copa do mundo.

Me casei com Sebastiana da Silva, mulher dos meus sonhos, depois de um tempo. O café vendia como água. Eram tempos de glória em nossa família.

Dizem que, depois da tempestade, vem o arco-íris. Não foi isso o que aconteceu comigo. No dia 24 de outubro de 1929, ocorreu a maior crise já vista nos Estados Unidos, afetando o resto do mundo. A compra do café estava fajuta, o dinheiro escasso e a felicidade acabava cada dia mais. Eram tempos difíceis, não há como negar. O mundo inteiro passava por dificuldades.

Tentei vender todos os terrenos, mesmo contra a minha própria vontade. Ninguém quis, na verdade, ninguém tinha o dinheiro suficiente para isso. Sem condições de cuidar, larguei tudo em busca de uma vida nova.

O famoso êxodo rural não era fácil: adaptar-se a um lugar totalmente diferente, um estilo de vida mais corrido e estressante. Todo o caminho foi calmo, como não tinha horário de chegada, não me apressei.

Chegamos eu e sua avó à cidade de São Paulo, que possuía um odor podre; a atmosfera, abalada; a população, afetada. Não tínhamos para onde ir nem o que comer, não conhecíamos ninguém que vivesse ali.

Estava perdido, tanto literal quanto figurativamente. As ruas pareciam violentas, como se a qualquer momento pudesse ser atacado. Tinha uma responsabilidade: dar alimento e moradia à minha esposa - Lineu falava com vontade, e o resto se emocionava a cada palavra. Ninguém nunca sentiu na pele todo o sofrimento passado por ele.

O dia estava a tardar, minha frustração aumentava mais. Minha mulher começou a reclamar. Fomos atrás de um abrigo de moradores, até um simpático rapaz nos explicar o caminho. Chegando lá, a fila estava enorme. Homens, mulheres e crianças estavam carentes. Horas de esperança para conseguir um humilde quarto, e horas de desespero para não dormir novamente na rua.

Ficamos sentados na fila por muito tempo, tanto tempo que Sebastiana dormiu em meu ombro. Relembrava os tempos bons na fazenda com meus irmãos, mesmo brigando; aquilo era algo nosso, algo que provava que nos amávamos. Senti saudades de meu pai, de minha mãe, até da vaca que vivia conosco.

Quase entrando em um sono profundo, diversas pessoas começaram a correr, tentavam fugir de algo. Por estar com sua avó no ombro, não pude enxergar. Um som desconhecido assombrava a rua. Gritos de dores eram ouvidos de longe. Com medo, acordei Sebastiana e ordenei que corrêssemos de lá.

Avistei viaturas da polícia, não entendi. Por que não estavam felizes? A nossa salvação localizava-se em nossa frente. Entretanto, percebi que a polícia não viera para nos salvar, e, sim, para nos expulsar. Houve cassetetes e armas contra os moradores de rua.

Um deles atingiu Sebastiana, a coitada desmaiou no momento da batida. Frustrado, corri atrás do policial para agredi-lo, mas sem sucesso. Ele veio para cima de mim com uma violência tremenda. Deu-me um soco no estômago, fazendo sentir meus órgãos se mexerem dentro de meu organismo. Uma cacetada em minha cabeça abriu um machucado que jorrava sangue. Nesse momento, já estava no chão. Sem forças, sem nada. Por final, ele deu um chute forte em meu peito, o corpo foi golpeado contra o asfalto áspero. Por que isso aconteceu comigo? Me perguntava a todo minuto, a todo segundo...

Sebastiana, jogada no chão, inconsciente; eu, ensanguentado no chão, e a minha alma já quase no purgatório. Fui justo, nunca roubei ou pequei. Por que comigo?

Com o sol a pino, acordei confuso. Sebastiana não estava mais lá, a cidade voltou ao normal. Somente eu estava atirado no chão. Me levantei com dificuldade. Olhei para um lado, olhei para o outro e observei as pessoas. Será que elas imaginam o quão a polícia paulista é violenta? Será que elas devem imaginar o quanto que um morador de rua sofre dia a dia? Será que estou no céu ou no inferno?

Com um toque no ombro, Sebastiana me assustou. Pensei que nunca mais a veria. Abracei e me desculpei por ela passar por aquilo. Sem falar nada, sua avó me guiou até uma casinha humilde de madeira. Não imaginando o que poderia ser, perguntei o porquê de me levar até aquele local. Ela respondeu-me, com um sorriso no rosto, que estava em frente à nossa futura casa. Não me importei mais com a fazenda. Percebi que, a partir daquele dia, minha vida nunca mais seria a mesma - terminou o avô, feliz por desabafar.

Sua filha correu para abraçá-lo e dar-lhe os parabéns por ser um homem tão corajoso.

- Nossa, vô, não sabia que o senhor sofrera tudo isso - afirmou Júnior, orgulhoso por ter um parente assim.

- É verdade! Você é incrível! - exclamou Maria, alegre e indo pular no colo do tão querido avô.

Feliz, saiu seu Lineu de lá. Contou a história mais traumática de sua vida. Desejava que Sebastiana estivesse ali, ela riria com todas as histórias por que passaram juntos. Agradecia por sair do fundo do poço e começar uma vida nova na cidade.

Manoella Debiasi dos Anjos

O destino inaceitável

Era um dia frio em Londres, a chuva fina caía sobre o teto da limusine de Will, que ia em direção ao cemitério para o funeral de Anthony, seu pai. Na limusine, estavam Smith, irmão de Will; Joe, avô de Will; Jessica, mãe de Will, e Will. Smith, como um bom irmão e filho, confortava Jessica e Will.

Joe era um veterano da Primeira Grande Guerra, já estava acostumado a lidar com a morte de parentes e companheiros, mas nesse momento era mais complicado, seu filho havia morrido e sua esposa não poderia ir ao funeral, pois estava no hospital, com tuberculose.

Chegando ao cemitério, um homem claramente militar, foi falar com Will. E vendeu a ideia de que Will deveria se tornar militar para honrar a causa do pai; Will pensou na ideia e aceitou. O irmão de Will reprovou a ideia, pois pensou que Will teria o mesmo destino do pai.

Uma semana depois, Will foi à academia de polícia para se alistar e convenceu seu irmão a fazer o mesmo. O avô de Will também não achou certo, principalmente porque Will teria de mentir a idade. Will tinha dezessete anos, e disse que tinha vinte e um anos aos oficiais; mostrou documentos falsos. Ele e seu irmão foram aprovados.

Depois de semanas de treinamento, Will e Smith foram convocados para evacuar uma cidade que estava sobre risco de ser bombardeada. Chegando à cidade, os irmãos e sua tropa foram informados de que havia soldados inimigos e que provavelmente teriam de entrar em combate.

As tropas inimigas estavam se aproximando, ouviram tiros, encontraram cobertura e revidaram os tiros. As tropas inimigas avançaram, e Will as fez recuar. Os inimigos perceberam que o lugar onde o batalhão de Will estava era fechado, então jogaram uma granada. Smith, numa atitude heroica, se jogou em cima da granada para abafar a explosão, com o objetivo de salvar o irmão e o batalhão.

Pedro Rafael Faustino

Perdido

Estava perdido, com medo; perdi casa, amigos, praticamente tudo o que eu tinha, e tudo isso por causa da tal “Grande Guerra” de que tanto ouvia falar. Acho que foi o pior momento da minha vida, quando meu país, Alemanha, entrou em crise absoluta.

Muitas vezes ficava sem comer; todas as noites escorriam lágrimas sobre minha cama, se é que podia chamar aquilo de cama. Com toda situação por que eu estava passando, qualquer dia poderia morrer. A cidade de Nuremberg estava um caos, casas destruídas, milhares de pessoas desabrigadas, assim como eu. Em determinados dias, muitas dessas pessoas não comiam, inclusive minha família e eu.

Certo dia, acordei e recebi uma notícia boa, pois teria a chance de ganhar um dinheiro e ajudar minha família, trabalhando no campo, na área rural da minha cidade, que, por incrível que pareça, era umas das partes da região com menos pobreza, um dos únicos lugares para conseguir dinheiro. Mas a pior parte é que eu morava no centro urbano e ficava longe do campo, mas tinha que fazer de tudo para tirar minha família da pobreza, e o único jeito de ir era a pé ou pegando um trem; mas éramos pobres, não tínhamos dinheiro nem para pegar um transporte.

Comecei meu primeiro dia de trabalho. No começo não gostava muito, mas, com o passar do tempo, fui me acostumando. Era muito cansativo, acordava cedo e voltava tarde da noite. O pior foi o primeiro mês, quando tinha de ir a pé, mas, com muita fé, consegui meu primeiro salário e comecei a ir e a voltar de trem. Apesar de todo o esforço, valia a pena, pois, quase todos os dias, me davam um pouco de comida das próprias plantações para eu dar à minha família.

Minha vida estava começando a melhorar, não era mais aquela pessoa triste e com medo, estava me sentindo bem emocionalmente. Num dia, minha mãe me acordou com uma notícia.

- Acorde! Tenho uma notícia para te contar.
- Fale.
- Vamos fazer uma viagem para a Espanha.
- Que bacana! Umas férias? - Perguntei.

Fiquei muito surpreso com a notícia e um pouco triste, pois iria deixar a cidade onde vivi e cresci, mas seria o único jeito de sair daquela miséria. Apesar de ter que sair do meu país, lembrei que tinha cumprido meu

objetivo de tirar minha família da pobreza, pois já estava trabalhando há seis meses no campo, tinha juntado um bom dinheiro.

Depois de cinco anos morando no Espanha, estava bem. Até que, certo dia, recebi uma notícia de que estava no início de uma guerra, uma tal Guerra Civil Espanhola. Não estava acreditando. Estava acontecendo tudo de novo: perdido, com medo. Perdi casa, amigos, praticamente tudo o que eu tinha.

Pedro Henrique Peixoto da Silva

Onde entra Antonella nessa história?

A Grande Guerra de 1914 a 1918 chegou ao fim. Alemanha estava destruída de todas as formas, e Itália, que havia ficado neutra durante grande parte do confronto, juntou-se à Tríplice Entente, ludibriando a Tríplice Aliança, que prometeu terras alemãs ao país caso vencesse. Perdeu muita gente e não foi recompensada. A insatisfação popular tomou conta do país europeu, e foi o momento perfeito para a aparição de Benito Mussolini, suposto fundador do *Fascio di Combattimento*, que adotara ideais nacionalistas e anticomunistas, pelo Partido Nacional Italiano. Mas será que o idealizador de tudo foi mesmo ele?

Após o final do sangrento combate de quatro anos, Antonella, moça de família simples, perdeu tudo, inclusive seu pai e único ente vivo. Defensora de ideais nacionalistas, teve a ideia de criar o Partido Nacional Italiano, mas todos sabemos da posição social da mulher nessa época. Apesar de ter melhorado significativamente após elas cuidarem de tudo enquanto os homens lutavam pelo país, Antonella não estava nem perto de levar em conta a ideia de ser uma mulher qualquer, então precisava de um homem facilmente manipulável, para, teoricamente, ficar à frente de tudo. Não precisou procurar muito para pensar na pessoa perfeita.

Benito era um homem da vida, de família rica e influente na pequena cidade vizinha de Roma. Sempre preferiu o próprio prazer, e nunca deixava seu amado bar, ponto de encontro de todo dia às 18h desde que voltou da guerra. Todos já sabiam de seu casamento arranjado, por pressão de sua mãe, pois o pai havia morrido e “precisavam manter a influência” que a família da moça ainda tinha.

Ao se encontrarem “ocasionalmente” na rua, Antonella, charmosa como era, começou a contar a ideia, indiretamente, do seu plano de governo. Inteligente, sabia exatamente o que ele queria ouvir e o que deveria fazer para convencê-lo. “Mudar o mundo”, “Você terá todos em suas mãos”, “Fará uma revolução” e outros incentivos clichês foram mais do que suficientes para Benito se juntar ao Partido recém-criado, em um piscar de olhos.

Os meses seguintes, na pequena casa de Antonella, seguiram muito ocupados, com planos, detalhes sendo passados para Mussolini e estratégias. Juntos, ela criando e ele comunicando, desenvolveram o movimento *Fasci di Combattimento*, mais conhecido como Fascismo.

Alteraram o nome do partido para Partido Nacional Fascista e, sem mais delongas, colocaram em ação todo o combinado.

Primeiro, ganharam o apoio da população italiana, que sofria com a crise econômica, o desemprego e a grande inflação desde o final da Guerra. Com um bom discurso, aos poucos, foram conquistando adeptos em toda a extensão do país. Os ex-combatentes, conhecidos de Benito, foram os primeiros a se juntar à iniciativa, sugerindo a criação de uma milícia para a repressão violenta de adversários, muito bem aceita entre os já participantes.

A convivência diária de Benito e Antonella começou a ficar suspeita, os cochichos nas ruas indicavam um caso entre os dois. Por falta de motivos para dois adultos de sexos opostos sempre estarem juntos, a solução foi um casamento de aparências, logo depois da antiga esposa de Mussolini dar à luz um fruto de traição ao Benito. Separaram-se de bom grado, já que não se importavam com seus cônjuges, além de nunca se amarem mesmo.

A relação dos dois líderes, mesmo após o casamento, não passou de um acordo em que ela ditava o que ele deveria fazer; ele obedecia, e conquistavam mais coisas. Ele era o porta-voz da revolução de Antonella, e até então os dois concordavam com esse tipo de convivência.

Mesmo com apoio popular, poder, quase sem oposições políticas, servindo como inspiração para a criação de outros movimentos *Fasci di Combattimento*, a mulher percebeu que talvez as pessoas não os levassem tão a sério, talvez tivessem medo da polícia de preto, e começou a se questionar se ganhariam uma disputa política caso acontecesse naquele momento. Faltava algo para a expansão completa da organização, para mostrar ser capaz de administrar um país e fazê-lo se recuperar completamente. Suspenderam o trabalho da polícia fascista e focaram na política a partir desse momento.

Em 1922, um ano após o início do Partido, simpatizantes fascistas junto de Benito Mussolini, enquanto Antonella ficava escondida, fizeram uma grande manifestação em Roma, ocupando prédios públicos e estações ferroviárias. Isso ficou marcado por ser o início da corrida do partido ao poder. Vendo a proporção do fascismo, Vitor Emanuel III, rei da Itália, convidou Benito Mussolini para ocupar o cargo de chanceler. Eles haviam conseguido o tão esperado reconhecimento.

A ideia de Antonella seria melhorar a economia italiana com o arrocho salarial assim que assumissem, mas Benito já tinha outros planos sozinho,

que muito bem os podia fazer, já que ela não era nada, mas ele sim. Instaurou uma ditadura, passando-a para trás na primeira oportunidade que teve. Extinguiu partidos socialistas, matou comunistas, proibiu as greves e ilegalizou vários sindicatos e todos os outros partidos políticos.

A personalidade de Mussolini se transformou da água para o vinho, apenas se aproveitando do plano inteligente de sua “esposa”, até conseguir um cargo. Ameaças se tornaram cotidianas na vida da bela moça, ele era violento; e, por vários anos, ela não conseguiu fazer nada para pará-lo, tornou-se submissa, apenas do lado dele, enquanto o mundo se voltava contra o seu amado país.

Só em 1945, no final da Segunda Grande Guerra, Mussolini foi executado, e Antonella, livre da repressão que vivia, mudou-se para o México, sozinha e aliviada.

Alicia Flores Possamai

Incomparável

Copenhague, capital da Dinamarca, 1919. Nossa história começa aqui, mais exatamente em um bar no centro da cidade. Um ex-soldado conhecido como Vladek, ainda no seu uniforme militar, embebedava-se e cantarolava antigas cantigas judaicas. Seu cabelo estava bagunçado, faltava-lhe uma meia e, acima de tudo, ele estava sujo e fedido.

Fora do bar, um jornalista francês, bem arrumado e engomado, quase desistia de sua busca por qualquer participante de alto cargo da Grande Guerra que pudesse contar algo interessante para sua matéria. Ao entrar no bar, os olhos do jornalista brilharam. Ele se sentou perto de Vladek e lhe pagou um *drink*. Vladek, já bêbado, perguntou ao jornalista se ele era um espião russo. O jornalista riu e disse que não. Da sua manga, o jornalista tirou 200 libras esterlinas e pediu para que Vladek contasse a sua história durante a guerra. Surpreso, Vladek olhou para o jornalista e começou a falar.

- Antes da guerra, eu estava em Luxemburgo, em lua de mel com minha mulher Marla. Estávamos nos divertindo, entretanto, quando a guerra se iniciou, ela fugiu para o norte da França, e eu fui recrutado. Depois de um ano e meio, a Alemanha avançava muito, o que fez que meu batalhão recuasse até a Inglaterra. O tempo passou, e os boatos de que, no norte da França, os alemães estavam testando uma nova arma cresceu bastante. O nome dessa arma era Gás Mostarda. Eu, de início, achei o nome bobo. Quando eu vi soldados vindo, fiquei aterrorizado como um rato ao ver um gato.

Após contar todo o horror que seus olhos viram, seu corpo sentiu: Vladek caiu no sono, deixando o jornalista sozinho. Então, o jornalista escreveu em um papel um recado dizendo para Vladek voltar na mesma hora na manhã seguinte.

Em seu quarto, o jornalista já começara a escrever a *Triste História de Vladek*. Simultaneamente, já em seu quarto de hotel, Vladek se aprontava para assistir a um filme. Nisso, ele decidiu fazer pipoca, uma receita que havia aprendido com um soldado brasileiro na Itália, a receita era simples, levava milho, óleo e sal. Quando a pipoca começou a estourar, Vladek começou a lembrar-se do som dos tiros que atravessaram peitos de seus colegas. Poucos segundos depois, Vladek estava no chão chorando.

No dia seguinte, Vladek foi ao bar, com uma dúvida em sua cabeça. Quando ele viu o jornalista, perguntou a ele:

- Por que você quer minha história?

Rapidamente, o jornalista respondeu:

- Para uma matéria, e eu posso ganhar um bom dinheiro em cima disso.

Vladek logo deu de volta as 200 libras, que havia ganhado do jornalista, e pediu para que a história não fosse postada. Então, num tom mais baixo, Vladek começou a falar que o luto de alguém não é algo público e a se perguntar como um homem consegue ter a audácia de ganhar sua renda expondo o que uma pessoa sente. Mesmo assim, o jornalista não ligou e foi para sua casa.

Entretanto, mal sabia o jornalista que Vladek o perseguiria até sua casa, com a vontade de obstruir o material. No momento em que o jornalista abriu a porta, Vladek entrou correndo e começou a quebrar a máquina de escrever usada pelo jornalista. O jornalista tentou impedi-lo, mas sua tentativa foi em vão, então o jornalista começou a chorar, dizendo que aquilo era sua obra prima. Com a máquina de escrever destruída, Vladek saiu e disse:

-Minha dor é incomparável.

Francisco Olivera Müller

Um dia deveras irregular

Bom, como eu posso começar? Aquele dia foi bem... deveras estranho...

Eu já havia perdido a conta de quantos dias estive no salão dos relógios, discutindo o tratado. Após muita discussão, a assinatura foi adiada para o dia seguinte, como tem sido pelos últimos meses.

Na volta para casa, senti como se algo estivesse me seguindo, pelo canto dos olhos notava movimento, mas quando me virava para verificar, não havia nada...

Quando cheguei a casa e tirei os sapatos sujos da rua, minha filha, Lily, veio me cumprimentar, coisa que ela parara de fazer desde a morte da sua mãe.

- Qual a ocasião?

- Nenhuma, pai!

Depois disso, ela saiu correndo para o quarto, voltou com um livro na mão e me entregou. Eu parei para lê-lo e notei que estava escrito em japonês, e a tradução para o inglês, à caneta, ao lado; em geral, falava de artigos de cultura, os quais eu sabia ser do interesse dela, viajar o mundo e conhecer diferentes pessoas e lugares.

- Onde conseguiu isso?

- Um soldado gentil, aquele que jantou conosco no mês passado.

- O Roku?

- Sim, ele esteve aqui mais cedo para te entregar uma carta vermelha com um selo bonito, eu a deixei na mesa da sala.

Dito isso, ela correu para buscar a carta e me entregou. "Obrigado", disse não demorando para abri-la, pois, se era uma carta vermelha, com um o lacre estampado com a bandeira e entregue por um soldado, tinha que ser importante e provavelmente era sobre o tratado. Já não era a primeira vez que me chamavam. Logo depois que eu saí, virei-me para pegar meus sapatos e casaco quando Lily segurou minha manga:

- Posso ir com você?

- Pode, e nós podemos ir àquele restaurante, que você me havia pedido, quando terminar.

- Sério!!?

- Sim, eu havia te prometido. Lembra?

- Isso faz meses!

...

Nisso, eu fiquei esperando enquanto Lily trocava de roupa. Quando fomos para o escritório, ela estava anormalmente feliz, comparado aos últimos tempos. Talvez eu deva passar mais tempo com ela...

Durante as negociações e planejamento de emergência, Lily ficou em meu escritório com uns lápis e papéis de rascunho. A negociação foi tão bem, como era de se esperar, com aqueles alemães!

Após duas horas, foi adiado novamente. Espero que para amanhã dê certo dessa vez. A caminho do escritório, eu peguei um copo d'água e, quando cheguei, notei muitos papéis dobrados em forma de animais, e Lily dormindo sobre seu livro aberto em uma página que ensinava a fazer essas dobraduras, e havia um desenho de uma floresta em uma das folhas.

- Lily, vamos?

- Hum? Já?

- Sim, o problema acabou por hoje.

- Então vamos ao restaurante?

-Sim.

Saímos do escritório e fomos caminhando ao restaurante Três Irmãs, novamente me sentindo seguido. Chegando lá, encontramos o prédio com tábuas nas janelas e fechado. Sempre quis saber como esse restaurante de comida italiana estava aqui sem ser perseguido. Nós dois ficamos em silêncio e fomos para casa, e estranhamente ninguém nos havia seguido.

Chegando à nossa casa, a porta estava fechada, mas destrancada, e viro para Lily:

- Você trancou a porta, certo?

- Sim..

- Ok.

Entrei com cuidado, vendo se ninguém havia roubado nada e arrombado a porta, fui em direção à cozinha, aproveitando para pegar uma faca e nos defender; ouço passos no andar de cima e, cuidadosamente, fui em direção às escadas e ao meu quarto, de onde se ouviam passos.

Lily estava comigo, pois ela ficara com medo de ficar sozinha. Cuidadosamente abri a porta com o cabo de minha faca, encontrei alguém revirando meus arquivos à procura de algo. No tempo em que eu parei para ver quem havia entrado em minha casa e revirava minhas coisas, ele fez um movimento brusco, e Lily fez um barulho quando bateu com o braço contra a porta, o que fez com que nosso invasor se virasse para ver o barulho.

Em uma atitude rápida, empurrei Lily para fora do campo de visão dele e fui em sua direção pronto para derrubá-lo e o levar para a polícia. Ele pegou sua arma e apontou para mim; quando a faca começou a perfurar o seu estômago, houve um barulho alto, e eu comecei a me sentir tonto ao notar que em minha camisa havia um buraco e a mesma estava sendo tingida de vermelho. Eu me virei para trás e vi Lily me encarando da porta, ela estava com uma cara aterrorizada. Após um breve sorriso, eu gesticulo “corra”; ouço mais um barulho alto e caio no chão, ouvindo os passos de minha filha correndo para longe, até eu perder a consciência.

Ian Martins Mendes

Sapatos e olhos não brilham

Estava muito frio. Já era a nona vez que um dos homens bem vestidos negava engraxar o sapato, e havia cada vez menos homens bem vestidos nas ruas, eles pareciam estar entrando em extinção!

Comecei a pedir esmolas, mas as pessoas nunca tinham dinheiro e, quando tinham, não queriam gastá-lo com um menino de rua como eu. Minha barriga roncava, mas não tinha o suficiente para comprar pão nem mesmo um copo de leite. Minha boca estava seca e até meus olhos ardiavam, pois a fome não me deixara dormir na noite anterior.

Lembro-me de, no final da tarde, agradecer e apreciar o sol poente, apesar da visão turva; afinal, a mesma, assim como a sensação de fraqueza, me fazia pensar que aquele era o último que veria. Logo, a péssima visão se tornou visão nenhuma, e a fraqueza impediu-me até de continuar em pé, eu desmaiara, e bem na frente do mercado de onde fora expulso aos chutes, após tentativas frustradas de roubar alguma comida.

Um pilar enorme e branco se erguia à minha frente, acreditei estar no paraíso, e o que via ao meu redor não me fazia menos crédulo. Diversos pilares, como o primeiro que vira, o piso extremamente limpo e brilhante, as paredes e o teto perfeitos, sem nenhuma rachadura, a quantidade imensa de objetos e móveis de vidro, tudo colaborava para reforçar minha teoria.

Uma moça, de aparência um pouco envelhecida pelo cansaço, apareceu, seguida de perto por um garoto que parecia ter minha idade, ou talvez pouco menos, cerca de oito anos. O menino tinha a expressão séria, parecia estar bravo e me fitava com ódio.

A mulher pretendia apenas cuidar de mim por alguns dias, mas, com o coração bom que tinha, logo se afeiçoou a mim e decidiu me adotar. O menino, que a acompanhara no primeiro dia de minha estada, era seu filho, que, com a notícia de que eu ficaria permanentemente, passou a dar-me olhares furiosos e a fazer comentários maldosos para me agredir. Eu não tinha coragem de contar à minha nova mãe, por medo de desapontá-la, mas, de vez em quando, ela flagrava Benjamin me batendo, ou pisando, e ameaçava contar ao pai dele. Nunca cheguei a conhecer tal pai, estava quase sempre fora trabalhando, e, quando estava em casa, trabalhava no escritório. Talvez fosse por isso que meu irmão não se importava quando mamãe o ameaçava e, talvez por isso, ele fosse tão carente e ciumento em relação a ela, era a única pessoa presente para lhe dar aprovação.

Chegara o dia do meu aniversário, fazia um ano que mamãe me havia encontrado e, provavelmente, salvado. Ela me tratou especialmente bem naquele dia e até me fizera um bolo. Meu irmão fumegava de raiva, eu sabia que ele encontraria uma brecha para me bater.

Quase dormia quando alguém entrou em meu quarto. Estava escuro, não sabia quem era. Chamei por minha mãe, mas não era ela. A voz de Benjamin começou a resmungar, me chamando de imundo e me mandando voltar para a rua. Ele pulou em cima de mim arrancando o travesseiro debaixo de minha cabeça e pressionou-o em meu rosto. Rapidamente perdi o ar, em meus últimos segundos de vida, perguntava-me se ele sabia que aquilo me mataria.

“O corpo de Owen parou de se contorcer, será que o fracote desistiu de lutar? Lentamente tirei o travesseiro da cara dele, nem se mexeu. Tentei bater nele, cuspi nele e ele nem reclamou, estava completamente imóvel. Não é possível... Ele está morto? Ele está morto! Oh, não... Mamãe nunca vai me perdoar! E papai vai me expulsar de casa, com certeza; afinal, sou um assassino. Sou um assassino! Oh, não... Por favor, não...”

Lara Corrêa Konrad

Amor proibido

Malditos ingleses, franceses e tudo o que resta. Malditos por assinarem aquele tratado horrível. Como eles ousam desferir tal golpe à raça mais pura que há, a ariana, branca e pura. Eles se denominam os vencedores, mas verão, eles verão.

- Klaus! - Führer me chama, logo estou de prontidão, ele será o novo líder, ele mudará tudo, por isso o chamo assim.

- Sim, Führer! - Respondo, batendo continência.

- Você sabe que é meu amigo, não precisa bater continência em sua casa, só queria conversar com você.

- Me desculpa, Führer, eu só te admiro muito, você é uma pessoa tão forte e está superando essa situação do tratado como um verdadeiro herói. - Disse, admirando-o.

Com um sorriso, Hitler se despediu, e com um aperto de mão, foi embora.

A Alemanha se ergueria novamente, e com força total, os judeus pagariam pelos privilégios que tinham.

Um novo dia, um novo começo para o meu honrado país; no caso, os soldados alemães já começaram a ser recrutados. Os preparativos para a guerra estavam apenas começando, as armas estavam sendo fabricadas, e todo o povo conta com Hitler, e eu confio nele. A Alemanha terá outra chance de brilhar.

Tudo estava planejado, começaríamos tomando a Polônia, daqui a dez dias. As leis opressoras contra os judeus já estavam sendo aprovadas, agora eles não poderiam mais usar qualquer tipo de transporte e não poderiam sair de casa depois das oito horas da noite. Além disso, todos deveriam usar um broche amarelo em forma de estrela para fácil identificação.

O dia estava ótimo, a cidade estava ensolarada como nunca antes vista. No começo do dia, sempre gosto de comer pão fresco, isso sempre resulta em uma ida à padaria todas as manhãs.

Ao sair de casa, vi a morena mais linda em que já havia posto os olhos, ela usava uma blusa de mangas compridas branca apesar do calor, que a deixava ainda mais angelical, também usava uma saia preta de linho e pequenas sapatilhas vermelhas, ela parecia adorável. Foi aí que avistei o pequenino broche de estrela amarelo, que estava abotoado perto da clavícula, parecia que toda a magia havia desaparecido. Quando chegou a

hora de atravessar a rua, encarei-a de leve, entrei o mais rápido possível na padaria e comprei o pão mais novo da casa.

Dia após dia, eu via a moça judia do outro lado da rua. Faltando apenas dois dias para o início da guerra, não resisti mais e finalmente me entreguei aos meus prazeres, decidi conversar com ela.

Naquela mesma manhã, levantei e caminhei direto até a padaria, e, como sempre, lá estava ela na calçada. Eu a encarava, ela me respondia com tímidos olhares de volta, corando levemente toda vez, ela era a exata definição de adorável.

Mas, ao invés de entrar direto na padaria, caminhei até ela, e, quando ela percebeu, me esperou. Ao chegar, me posicionei à sua frente e disse:

- Olha, desde a primeira vez que te vi, não resisti aos teus olhos, que parecem amêndoas caramelizadas, nem à tua pele, que parece porcelana; eu não posso mais me afastar de ti.

- Eu receio que sinta o mesmo, mas você é claramente um soldado, e eu sou apenas uma judia, nunca daria certo. - Respondeu ela, corando, com seus lindos olhos caramelizados; e, depois, levemente abaixou a cabeça, como se fosse submissa a mim.

- Confie em mim, eu sei cada passo e cada reviravolta que a guerra vai tomar, eu prometo que irei tentar te proteger com todas as minhas forças. - Comuniquei-lhe, dando o meu melhor sorriso.

- Bom, acho que irei ter que confiar em você. - Ela disse, também com um sorriso.

Com isso, segurei suas mãos e selei seus lábios carnudos delicadamente, era um beijo de despedida. O dia seguinte seria o primeiro dia de guerra, e invadiríamos a Polônia.

Dito e feito. Logo pela manhã, estava no quartel e me dirigi diretamente para a sala de comandos, achando que Führer também estaria lá, mas ele não estava. De repente os alto-falantes da sala ligam.

- Eu sei o que você fez, Klaus, você nos traiu, você traiu sua própria raça. - Era a voz de Hitler. Como ele havia descoberto?

Comecei a ouvir rosnados e latidos, eram os cachorros de meu Führer.

Tudo o que lembro, depois disso, são as mordidas e a dor que elas causaram, mas que ainda não era pior do que a dor de ouvir as palavras de Hitler.

- Você nos traiu.

Isabela Bez Fontana de Souza

A queda

Março, 1930, Cidade de Nova Iorque.

Os corredores da mansão Bennett estavam vazios. Quem passasse pela grande porta de entrada, um ano antes, jamais imaginaria a situação em que estaria tão pouco tempo depois. A escuridão e o silêncio dominavam a casa, tornando-a deprimente.

Subindo a delicada escada de mármore branco, indo para a ala leste e entrando na segunda porta à direita, era possível ver Florence Bennett, a antiga princesinha de Nova Iorque, como era chamada pela sociedade.

Filha de Joseph e Eleonora Bennett, Florence cresceu em berço de ouro. Seu avô, que morava na Inglaterra, criou um império metalúrgico, e seu pai, que aos 23 anos se mudou para os Estados Unidos, prevendo uma guerra, herdou-o inteiramente. Em seu novo lar, casou-se com Nora, uma mulher inteiramente pura e a mais bela que já havia visto.

Imaginando ser uma boa ideia, comprou ações, e não poderia ter sido melhor. Após o fim da Grande Guerra, a economia americana não parou de crescer, chegando a mais do que triplicar toda a fortuna da família.

Desde sempre, Florence teve tudo o que quis. Frequentava grandes festas e tinha um guarda-roupa gigante, com todas as mais variadas peças. Era uma das jovens mais disputadas de Nova Iorque, sem dúvidas, mas de repente tudo em sua vida mudou. A vida perfeita dos Bennet começava a acabar.

Na primavera de 1927, Eleonora acabou adoecendo e morrendo pouco tempo depois. Aos poucos, tanto Florence quanto o pai ficavam mais e mais tristes, sentindo falta da mulher que iluminava seus dias.

Foi com o aumento de produção, levando a produtos estagnados, e da especulação financeira que a economia americana começou a ruir. Aos poucos, todos, fossem ricos ou pobres, sofriam com a crise, e então tiveram que demitir os empregados. Não havia como lhes pagar.

Restaram, então, na enorme casa, antes tão cheia de vida, apenas pai e filha.

...

Florence olhava para o teto, pensando em tudo o que havia mudado em sua vida. Naquele dia, completava três anos desde a morte da mãe e ainda não podia acreditar no quanto sua vida estava diferente. Parecia que o

mundo perdera a cor depois da morte de Eleonora, e, mesmo antes da crise, as ruas de Nova Iorque aparentavam estar cada vez mais cinzentas.

Às vezes, Florence pensava em por que continuava vivendo. Sua mãe não estava mais viva e seu pai passava os dias trancado em seu quarto ou na adega. O lugar, antes cheio das melhores bebidas de todo o mundo, naquele momento estava vazio. Vazio como todos estavam por dentro. Não existia mais espaço para os sentimentos naquela casa.

Junho, 1930, Cidade de Nova Iorque.

Em meados do mês de junho, Florence resolveu sair de casa, dessa vez para algum lugar mais distante do que o seu jardim, o único lugar para onde estava indo.

Andando pelas ruas de Nova Iorque, percebeu a quantidade de carros, muito menor com o que estava acostumada. Não eram muitos que ainda tinham dinheiro para gasolina – ou simplesmente para um carro.

Chegando ao centro da cidade, deparou-se com uma fila gigantesca. Ao tentar descobrir o que estava acontecendo ali, uma senhora respondeu que estavam ali para conseguir comida. Uma pequena ajuda do governo, para que muitos continuassem a viver.

Reparou, então, o quão magros todos naquela fila estavam, por baixo das roupas rasgadas que usavam. Por um momento, sentiu-se mal por ainda ter todas aquelas roupas acumuladas em seu guarda-roupa, usando apenas as mais recentes que tinha. E foi ali que teve uma ideia.

Voltou para casa rapidamente e foi correndo para seu *closet*. Separou vários casacos e vestidos que não usava mais.

Lembrando-se da existência de um novelo de lã naquela casa, foi à procura dele e, ao achá-lo, começou a tricotar. Fazia anos desde que uma governanta lhe ensinou vários tipos de bordados e costura, mas, em momento algum, pensou que fosse usar esses conhecimentos; afinal, se precisasse de algo, era só comprar.

Pela primeira vez em muito tempo, sentiu felicidade ao fazer algo.

...

Florence acordou com o sol, que, depois de muito tempo, voltava a aparecer. Ao se olhar no espelho, viu algo que havia se tornado raro – um sorriso iluminava seu rosto.

Depois do café da manhã, saiu de casa, com duas grandes sacolas, indo em direção à fila do dia anterior. Esperava que aquelas pessoas estivessem lá de novo.

Chegando lá, começou sua doação. Emocionou-se com pessoas lhe agradecendo sem parar. Alguns choraram de felicidade.

Florence não poderia imaginar como eles estavam vivendo durante a crise. Se ela, mesmo que com menos dinheiro que anteriormente, estava sofrendo, a condição deles deveria ser mil vezes pior.

Ali, percebeu que queria fazer mais do que estava fazendo, queria dar um novo sentido para sua vida, queria ajudar a melhorar o mundo. E foi o que fez, começando a dedicar sua vida a causas sociais.

Emanuelle Guse

Guerra do amor

- Nayla, venha cá, precisamos ter uma conversa - disse papai.

Desci então até a sala. Estava um pouco apreensiva, pois nunca me chamara pelo nome.

- Filha, seremos sinceros com você, o homem que está no poder deste país prega o ódio contra o nosso povo. Por isso, você terá de se mudar para uma escola judaica - disse meu pai, com uma expressão de tristeza no rosto.

- Como assim??? - não pude acreditar no que acabara de ouvir.

- Eu sei que pode parecer difícil, mas você é forte, filha, e irá conseguir! - disse mamãe, enquanto lágrimas caíam de seu rosto.

Logo após isso, dei um abraço em meus pais e fui para o meu quarto, onde desabei em lágrimas. Mal sabia eu o que estava por vir.

Nas semanas seguintes, fomos visitar a escola em que eu estudaria o resto do ano. A escola em si era melhor do que eu esperava, porém, ainda assim não era o que eu desejava. Eu não consegui fazer muitas amizades, todos estavam muito calados e inquietos. Mas não os culpava, já que a situação também não era favorável a ninguém.

Nos dias seguintes, tudo mudou, fiz uma nova amizade com uma menina chamada Keyla. Ela se mostrou muito gentil e carinhosa, características perfeitas para se criar uma amizade duradoura. Ficávamos juntas todos os dias, inseparáveis, realmente tínhamos algo muito especial.

Em um belo dia, eu estava na casa de Keyla, como de costume, preparando um sanduíche para nós, quando, de repente, em um curto descuido, acabei me queimando na chapa quente e disparando um grito de dor que ecoou pela casa inteira. Imediatamente, Keyla veio em minha direção com curativos, em prontidão para me socorrer. E foi naqueles míseros segundos, quando ela os colocava sobre minha mão, que eu senti algo muito forte, um sentimento incomum, porém poderoso. E, apesar de ocultá-lo durante esse tempo, ele me revisitou durante várias noites, antes de me deitar, e durante vários dias, antes de me levantar da cama.

Meses depois, após Keyla estar conversando com um rapaz que conhecera há dias, o mesmo a pede em namoro, e, por algum motivo, ela resolve aceitar. Era o fundo do poço para mim, pois minha paixão por ela jamais seria correspondida. Além disso, esse grande obstáculo nos afastou ainda mais uma da outra, algo que nunca havia acontecido.

Porém, incrivelmente, a história ganha uma reviravolta, quando ela termina seu namoro, por suspeita de traição. Após o término, ela se isolou, tornou-se irreconhecível, não saía de casa nem mandava mensagens, muitos menos respondia às minhas. O tempo para ela congelou, mas não por muito tempo.

Logo após isso, dias e dias depressiva e isolada, Keyla me liga e pede para passar a tarde com ela, já que tinha algo “muito importante para contar”. Dito e feito. Ela aparece em minha porta durante um final de semana, com uma feição inquieta, que não demora muito para desaparecer, já que nosso reencontro, apesar de incomum, fora gratificante. Passamos a tarde inteira rindo e nos divertindo, nos esquecendo pelo menos daquele dia e da situação que vivíamos. Nunca me esquecerei, foi no final de um filme a que assistimos, foi mágico... o nosso beijo foi mágico. Depois de todo aquele tempo, todo aquele sofrimento, finalmente nos encontramos agora de corpo e alma. E nossa amizade, que havia congelado em um *iceberg*, floresceu do dia para noite.

Mas, infelizmente, nem tudo são rosas... a tensão no país era enorme, perseguição e ódio por toda parte. E pior do que ser judia, naquela época, era nosso relacionamento chegando aos ouvidos do governo. Assim, tivemos de nos esconder, não só a nós mesmas, mas tudo o que éramos juntas.

No final das contas, o sol não sorriu para nós, pois, enquanto passeávamos pelo parque da cidade, um homem fardado se aproximava com pressa atrás de nós, ele nos seguia. E, quanto mais rápido íamos, mais rápido ele vinha atrás. Até que a situação se agravou, começamos a fugir do guarda que nos perseguia. Uma tola decisão, que resultou em Keyla sendo baleada na perna. Naquele ponto, eu não tinha mais forças para correr, então decidi cair ao lado dela. Juntas começamos, juntas terminamos.

E foi assim, devido a uma denúncia anônima sobre nossa relação, somada à minha origem judaica e tentativa de fuga, fomos mandadas para campos de concentração; campos distintos, cada uma para um inferno diferente. Aquele dia, em que fomos levadas a veículos militares separados, vi o rosto de Keyla inquieto pelo última vez. E, até hoje, penso nela todos os dias. Pergunto-me se ela ainda pensa em mim, seja aonde for em que ela estiver.

Gustavo Carneiro de Oliveira e Laís Nunes dos Santos

Ideologias passageiras

O céu escuro simbolizava os tempos difíceis que se instalaram na Espanha. Nuvens carregadas se agrupavam como um exército pronto para a batalha. Martinez ignorava os gritos rebeldes que podiam ser ouvidos até no outro lado do bairro. Já estava se familiarizando com o sentimento de guerra. Ex-soldados iam e vinham com as mais variadas opiniões e histórias inusitadas que eram expelidas do íntimo da memória após uma noite de embriaguez. O jovem *barman* não deixava as opiniões opostas afetarem suas convicções. Seus ideais estavam bem consolidados, como ele mesmo dizia.

“Boa noite, meu caro”, cumprimentou um cliente cujo nome havia esquecido, “O mesmo de sempre, suponho”, completou Martinez, entregando-lhe uma garrafa com um líquido borbulhante de coloração amadeirada.

O cliente se sentou desolado em um dos bancos que rangeu com o peso dos problemas que o atormentavam.

“Meu amigo, minha mulher me expulsou de casa porque meu trabalho não está dando dinheiro o suficiente”, pausa para um gole, “Infelizmente o trabalhador não é valorizado. Nós trabalhamos jornadas de infinitas horas diárias para ganharmos uma miséria que mal dá para pagar um lugar para dormir. Estou lhe falando, nada vai dar certo dessa maneira. O que nós estamos precisando é de uma reforma para acabar com a exploração do homem pelo homem”, completou, bebendo o resto do conteúdo da garrafa. Repousando, então, o recipiente vazio novamente no balcão, esperava que o álcool lavasse os problemas para fora de sua vida.

“É, meu caro. Enquanto a riqueza estiver concentrada na mão de poucos, não vai funcionar”, concordou Martinez, com um suspiro, “Agora, com a vitória da CEDA*, minhas esperanças, que já não eram completamente otimistas, foram fortemente abaladas...”

Os dois criaram uma afinidade e continuaram conversando durante algum tempo, até que o cliente, que o *barman* posteriormente lembrou se chamar Esteban, parou de aparecer.

Muito tempo depois dessa conversa, as palavras de Esteban ainda ressoavam na mente de Martinez, que se encontrava atordoado e perdido em lembranças.

“Será que meu amigo foi morto lutando pelo que acreditava? Talvez ele tenha vivido o suficiente para saber que a Frente Popular assumiu o

poder, separando o Estado da Igreja, dando aos trabalhadores a liberdade para se organizarem... Talvez não. Talvez ele tenha conseguido se reconciliar com a esposa. Talvez não. Talvez, apenas talvez, ele ainda esteja vivo e entre por essas portas pesadas de madeira novamente, algum dia, para me contar suas aventuras com um sorriso de quem ainda tem esperança no futuro”.

Naquele momento, olhando ao fundo do recinto, reconheceu o velho amigo. O local não mudou quase nada com o passar dos anos, porém Esteban estava completamente diferente. Era como se novos ares o envolvessem.

Após alguns segundos de impacto, Martinez atravessou o bar, com um sorriso jovial estampado no rosto, indo a dar as boas-vindas ao companheiro.

“Esteban, meu caro!”, disse o *barman*, com uma alegria sincera, “Por onde você andou nesses anos?”

“Meu amigo, que felicidade reencontrá-lo depois de tanto tempo!”, respondeu enquanto se abraçavam, “Tanto me aconteceu desde a última vez que nos vimos... Mas são novos tempos!”, algo nessa frase fez Martinez se inquietar.

Os dois se sentaram em uma das pontas da bancada e, já com copos na mão, voltaram a compartilhar experiências.

“Ah! Esqueci-me de lhe contar. Agora eu trabalho vendendo carvão. Inclusive meu sócio é bem influente por entre os políticos. Assim nosso negócio está se tornando algo bem maior do que eu poderia esperar”, relatou.

Àquela altura, Martinez estava completamente confuso, no entanto, compreendeu tudo quando Esteban perguntou, “Você não continua acreditando nos mesmos ideais, não é?”, por sorte ele não perguntou, no intuito de receber uma resposta, assim, continuou, “Nem sei como nós pensávamos que aqueles princípios ultrapassados faziam algum sentido. Hoje em dia está claro para mim que a população não compreende o funcionamento das coisas. Logo, logo, tudo vai melhorar. Esta guerra já está para acabar, e não temos dúvidas de que Franco irá vencer. Afinal, ele tem apoio da força armada alemã”, continua Esteban, por muito tempo, contando sobre sua nova vida burguesa.

No amanhecer seguinte, enquanto voltava para casa, desgostoso com a vida, Martinez pensou seriamente, pela primeira vez, em fugir de tudo. Apenas se entregar... se deixar levar pela revolução. Contudo, não passava

de pensamentos, porque na prática ele estava preso nesse sistema falido e (esse sim) ultrapassado.

Logo, com algum resquício da esperança que lhe restava, ele seguiu o caminho até o pequeno longínquo local (e único) que podia pagar com seu mísero trabalho noturno.

*Nota: CEDA- Confederação Espanhola de Direitas Autônomas

Maria Eduarda de Freitas Leitão

Em busca de um lar

Eu tinha dez anos na época, não entendia bem o que estava acontecendo. Lembro-me de grudar no peito de minha mãe e implorar que não me deixasse. Eu era um garotinho pequeno e desengonçado no meio de 456 crianças de diferentes cantos da Espanha.

Estávamos a bordo do “Mexique”, em uma fuga para o México, e fugíamos da Guerra Civil, que tomava nosso país de origem.

Desde que havia aprendido a escrever, anotava as coisas que via e ouvia. Ainda tenho algumas dessas anotações, não me permito esquecer ou ignorar tudo por que passei. Apesar de todo o trauma, faz parte da minha história, faz parte da história de 456 crianças.

O navio chegou a Vera Cruz em sete de junho. No dia seguinte, fomos recebidos pelo presidente Cárdenas na Cidade do México, de onde fomos a Morélia e lá ficamos. Os primeiros meses na escola foram caóticos. A indisciplina reinava por toda parte, algumas crianças até mesmo protagonizaram alguns incidentes, como o apedrejamento em igrejas.

Não concordo com alguns dos comportamentos, mas estávamos com os nossos laços familiares rompidos em um país desconhecido. Era de esperar que não reagíssemos bem. Apesar de tudo, tentava me manter longe das confusões.

Em algumas semanas, fiz amizade com um garoto chamado Diego. Ele era um pouco mais velho que eu, devia ter quinze ou quatorze anos.

Era frequente que nossas conversas se voltassem para nossa estadia no navio. Ele dizia que preferia quando estávamos na água, que, apesar de todo o medo, a imensidão do mar o acalmava. “El mar es un lugar que no termina nunca”. Era o que costumava dizer.

Passaram-se alguns meses, e recebemos a notícia de que um navio estava vindo para o México com algumas centenas de espanhóis, que também fugiam da guerra. Os dias que se seguiram até a chegada do navio foram de muita ansiedade e expectativa. E se nossos pais ou parentes estivessem lá?

Jamais pensei na possibilidade de reencontrar meus pais, mas quando soubemos que o barco havia chegado, não contive o nervosismo. Alguns de nossos responsáveis, enquanto estávamos no México, levaram-nos para receber os tais espanhóis. Diego parecia tão nervoso quanto eu.

As pessoas começaram a sair do navio, e, conforme iam saindo, meu coração ia acelerando cada vez mais. Algumas crianças corriam para abraçar pessoas que reconheciam, até mesmo Diego, que saiu para abraçar um homem alto muito parecido com ele.

Ao longe, vi cabelos grisalhos que logo reconheci como sendo meu avô. Um pequeno peso saiu dos meus ombros, mas fiquei um pouco, ou talvez muito, decepcionado por não ver meus pais. Não tive, nunca mais, notícias deles.

Quando cresci um pouco mais, meu avô me levou para o Brasil. Depois que ele faleceu, voltei para a Espanha. Tento me encontrar em cada lugar a que vou, mas ainda estou em busca de um lar.

Thalita Poliana de Almeida

Imprevisto

Dois meses tinham se passado após o fim da Primeira Guerra Mundial, e Adam ainda estava concentrado em seu plano de escapar da Crise Econômica da Alemanha. Para alcançar seu objetivo, ele precisava sair da Alemanha e conseguir uma vida em outro país, e o porto mais próximo era o de Hamburgo, que tinha conexão direta com o mar.

Saindo de casa, Adam entrou em seu carro e falou para si mesmo “São só 50 quilômetros, você consegue”; e, assim, ligando o motor, saiu de sua casa com todos os seus pertences mais preciosos. No meio do caminho, ele avistou um protestante quebrado economicamente, e este logo foi pedir ajuda a Adam, que, só de olhar para seu carro, pôde ver que tinha dinheiro sobrando, mas o motorista passou reto.

Quando chegou ao porto, Adam pôde ver um navio maior que o comum, então logo perguntou a um funcionário do porto para onde o navio estava indo. Antes que o homem pudesse responder, uma voz incrivelmente alta respondeu à pergunta dele, que logo foi verificar o preço da passagem. Subindo a bordo, escasso de informações, ele esperava ansiosamente que o homem do megafone lhe respondesse, mas era tarde demais, o navio já havia desembarcado do porto.

Nesse mesmo instante, Adam ouviu alguém falando “Pronto, temos o número de passageiros que o senhor pediu”, seguido de “muito bem, vamos chegar em breve”. Confuso e desesperado, ele foi buscar informações, mas tudo o que descobriu foi que eles estavam indo para o oeste.

Depois de um bom tempo, Adam se lembrou de que tinha deixado todo o seu dinheiro no carro, e percebeu que era o seu fim. De repente, um soldado pegou-lhe pelo braço e o levou para uma área menos habitada do navio. O homem, que aparentava ter 70 anos, estava com uma expressão triste e com dificuldade de falar. Passaram-se cinco minutos de explicação, e Adam já havia entendido o sentido daquela viagem, era uma missão americana com o objetivo de converter alemães em soldados para os Estados Unidos, aproveitando a crise alemã. É claro que Adam viu isso como uma oportunidade de emprego em um país que estava economicamente forte, e isso o deixou empolgado.

Fazendo dessa oportunidade seu plano de vida, Adam agradeceu ao soldado de cabelo branco e partiu para o local, em que antes se encontrava, e encarou o mar com uma cara de superação. Olhando um pouco para cima,

ele viu um outro navio enorme no horizonte, e se perguntava se era outro navio com a mesma intenção do que a sua. Entendendo melhor a situação, ele também começou a se perguntar o que os outros passageiros alemães estavam pensando sobre essa viagem de traição.

Chegando ao porto americano, Adam sentiu uma náusea e logo caiu no chão. Lentamente abrindo os olhos, ele percebeu que tinha sido levado para uma enfermaria, mas não era uma enfermaria qualquer, era uma enfermaria pertencente a um campo de treinamento para soldados. Adam se levantou e foi em direção à porta, deixando cair um bilhete, em que estava escrito “Me encontre na última sala do corredor, à direita”.

Deixando a sala que estava para trás, com uma leve tontura, ele virou à direita e seguiu reto o extenso corredor. No final do corredor, ele encontrou uma porta onde estava escrito “Sala de reconhecimento” e bateu duas vezes com o punho fechado. Um homem alto o atendeu, pediu para ele se sentar e logo falou: “Adam Ritter, você é geógrafo, não é?”. Ele fez que sim com a cabeça. “Essa será sua primeira missão”, continuou o homem, puxando um mapa do Oceano Atlântico. “Nada mal”, pensou Adam.

Gabriel Gaido Kobayashi

Adeus

“Em 1920, seis anos atrás, eu estava lá, minha família foi uma das diversas vítimas do Império Otomano. Honestamente, nunca entendi. Nunca entendi o que levaria pessoas a odiarem outro grupo de pessoas, especialmente por causa de sua nacionalidade. Nunca entendi como alguém poderia tirar a vida de outra pessoa apenas por discordar de suas crenças. Nunca entendi por que alguém arquitetaria o assassinato, de maneira sistêmica, de um grupo inteiro de pessoas. Nunca entendi por que mataram meus pais. Nunca entendi por que mataram toda a minha família. Nunca entendi por que mataram todas as pessoas que eu já conheci e amei. Nunca entendi nada disso, pois não me deram tempo para entender, me deram tempo para fugir de minha casa, me deram tempo de salvar a minha vida, porém não me deram tempo para escolher se era isso que eu queria, não me deram a escolha de ficar e morrer lá. Morrer acabaria meu sofrimento, viver só o aumenta.”

Após eu terminar de ler o discurso sobre a minha vivência do genocídio armênio, a sala inteira estava silenciosa, e eu já estava soluçando, com algumas lágrimas lentamente escorrendo de meus olhos. A professora finalmente me permitiu voltar à minha cadeira.

Eu, tremendo, me dirigi a meu lugar, passando pelo estreito corredor, cheio de cadeiras, mesas e jovens, jovens deprimidos, jovens vivendo o inferno em sua casa, jovens com suas esperanças e sonhos demolidos pela sociedade, a qual espera sempre que ajam de uma maneira “x” quando acontecer uma situação “y”. Em minha opinião, o sistema de educação aqui na Inglaterra é extremamente antiquado, mas creio que é assim em todos os lugares.

A aula continuou, cada aluno foi falando sua experiência na Grande Guerra. Escutei relatos sobre famílias separadas, amizades destruídas e pessoas que sobreviveram o impossível. A sala, como um todo, não mostrava nenhuma reação. Todos já haviam vivido e perdido tudo, nada os surpreendia mais. Filhos de soldados, alguns chegaram a estar em cercos aqui na Europa, alguns em outras partes do mundo, como no norte da África.

Alguns dias depois, me encaminhava para a ala de alimentação do internato, e alguns britânicos estavam vindo em minha direção. Eram Christopher Davis e Isaac Corgi, os dois garotos mais ricos da escola,

conseqüentemente, os dois com egos mais inflados. Eles constantemente iam caçoar de jovens como eu, sem família, sem amigos, fracos, de regiões que eram parte dos países “do mal” na guerra, como minha terra, o Império Otomano. Eles se aproveitavam de traumas passados que temos em nossas cabeças, utilizavam de nossas fraquezas para ganhar poder, isso me deixava extremamente frustrado. Não só por eles NUNCA sofrerem nada na guerra, eles tiveram a oportunidade de se esconder, tiveram seus amigos e família a salvo no campo, pelas regiões rurais daqui. Enfim, quando os vi e reparei que estavam me fitando, tinha certeza do que ia acontecer. Fui os evitando, evitando e evitando. Porém, acabei sendo pego. Já começava a soluçar, não por eu me importar comigo, mas por querer que o sofrimento acabasse, queria poder simplesmente dizer adeus e ir embora, ir embora dali, ir embora do mundo.

Eu já não aguentava mais, todos os dias era a mesma coisa: acordar num beliche extremamente desconfortável, me levantar cedo e tomar o desjejum com os outros alunos, ir para alguma sala de aula, aguentar todas as aulas, almoçar, fazer as lições durante a tarde e ir dormir entre 9:00 e 10:00 horas. Nos finais de semana também: acordar um pouco mais tarde do que o normal, comer, achar alguma coisa para fazer durante 48 horas (normalmente um trabalho ou estudar para uma prova) e retornar para a rotina de dias úteis. Repita todas as semanas de todos os meses de três anos seguidos, e você terá uma receita para um desastre, assim como eu.

Mas eu não vou ficar aqui, não quero mais, não tenho mais nada. Minha vida acabou quando me resgataram. Quando me tiraram de lá, eu perdi tudo, incluindo a chance de morrer como mais um armênio azarado. Não! Agora eu vou morrer como um ingrato que teve a chance de recomeçar, e a jogou fora por infelicidade, eu sou uma falha, e deveria, mesmo, ter morrido lá.

(Hovhannes Melikian)
Lucas Silveira de Souza David

O massacre da manga

Itália. Foi na Itália que aconteceu a pequena história de Astêmio, um pobre rapaz que foi “obliterado” pelas forças de Mussolini.

Ele estava sobre o período do Regime de Mussolini. Período do desenvolvimento do Fascismo, um movimento político autoritário fundado em 1919.

Mas Astêmio meio que não se importava com o que estava acontecendo no governo, ele só queria comer manga. Astêmio tinha um vício inexplicável em mangas. Muitos o evitavam por tal vício, pois o achavam estranho. Astêmio vivia sozinho, seus pais morreram em um acidente envolvendo um saxofone, três fatias de pão e uma porta.

O tempo ia passando, e cada vez mais o Fascismo na Itália ia se desenvolvendo.

Era mais uma manhã normal, e Astêmio foi ler o jornal, enquanto tomava um suco de caju, acompanhado de belas tiras de manga. No jornal não havia nada de especial, exceto uma notícia: Mussolini havia proibido as mangas importadas da Rússia, por motivos não citados no jornal. Astêmio não gostou nada disso. As mangas importadas da Rússia faziam parte de 75% da sua alimentação total. Ele tinha que mudar isso, senão o nome dele não seria mais Astêmio.

Com muito esforço, Astêmio tentou iniciar uma revolução com apoio de outras pessoas, mas nenhuma delas havia aceitado, parecia que Astêmio era o único homem na Itália que apreciava uma boa manga.

Após o fracasso de sua própria revolução, ele resolveu participar de uma revolução de outra pessoa, para ir contra Mussolini de um jeito ou de outro. Era um pequeno protesto contra Mussolini. Astêmio não tinha entendido muito bem o real motivo daquela revolução, mas confiava que iria dar certo.

E assim foram Astêmio e o resto das pessoas, ocupando as ruas, gritando, com placas na mão. Mas eles não contavam que Mussolini enviaria uma quantidade de tropas mais do que suficiente para parar o movimento inteiro. Tropas fortemente armadas, diversas armas de fogo e armas brancas, prontas para aniquilar os opositores.

Depois de alguns minutos “batalhando” (parecia mais um massacre), todos os rebeldes foram destruídos, com exceção de poucos. E Astêmio, felizmente, foi um dos poucos que tiveram a vida poupada. Mas só porque

poupavam sua vida não significa que ele saiu muito na vantagem. Pois, logo após a guerra, prenderam-no junto a mais cinco pessoas.

A prisão não tinha o mínimo de higiene, era quase tão sujo quanto um banheiro público.

Astêmio começou a ficar insano naquela prisão, já haviam passado dias sem ele comer uma boa e velha manga, acompanhada de suco de caju. Ele não durou muito tempo lá. Após seis meses, ele apodreceu na prisão, morto por desnutrição. Ele geralmente recusava a comer comidas que não eram mangas importadas da Rússia. Uma morte trágica para um jovem rapaz viciado como Astêmio.

Arthur Campana

Vida nova

Marley nasceu nos Estados Unidos da América, mas seus pais eram brasileiros. Vieram para o norte do continente por um motivo, dinheiro; vieram com o intuito de ter uma fazenda e mostrar como se planta e como é ser um sertanejo raiz. Foi um começo difícil, já que a família de Marley não sabia falar inglês. O único contato que tiveram foi com o proprietário do terreno, este veio ao sul para procurar pessoas dispostas a largarem tudo para irem a um lugar desconhecido, com a chance de melhorar suas vidas.

Anos se passam e o proprietário morre, e como não havia filhos nem uma esposa, as terras ficaram com os trabalhadores mais regentes: os pais de Marley. Bem, isso seria bom se os negócios de armas e equipamentos não tivessem em alta. Motivo? Era 1917, ou seja, já era o terceiro ano da Grande Guerra, anos difíceis, pois a Europa inteira estava mais preocupada em comprar armas do que café, alface, milho, soja, trigo... eles compravam o mais barato possível ao ponto de pagarem o preço de produção.

1918 foi o ano das falências das empresas gastronômicas, sendo assim, dificultando as vendas até em seu país. Mas, por sorte, existiu a El coco's, uma empresa gigante que comprava os produtos da empresa dos pais de Marley e vendia para o resto das Américas, assim, sendo o suficiente para que estes não precisassem vender as terras.

Finalmente, em novembro de 1918, a Guerra acabou oficialmente. A “sorte”? Todos os grandes países arrasados e destruídos sendo obrigados a comprar dos USA, já que os vencedores, por mais que ganhassem a Guerra e tivessem a ajuda dos USA, ficaram destruídos a ponto de não ter como se sustentarem sozinhos. Compravam de tudo, de uma simples folha de alface até uma mesa de madeira, mostrando que iam ser anos fartos para os Estados Unidos.

Essa Guerra trouxe muitos males para este mundo, mas temos que admitir que teve uma evolução muito grande. Uma delas? A Bolsa de Valores, uma ideia simples; as pessoas conseguiriam comprar micro-partes dessa empresa, ajudando-a e, quando seu valor total aumentasse, essa parte - que era comprada - também era aumentada, assim se poderia revender por um preço mais alto, tendo um lucro “sem trabalho”.

Isso aconteceu, durante dez anos, com a empresa do pai de Marley, fazendo-a, então, umas das empresas mais ricas e valorizadas das Américas,

já que o pai de Marley, além de lucrar, comprou as concorrentes e algumas empresas no seu estado.

Nesse tempo, Marley conseguiu se formar (sendo o primeiro da família a se formar) em Economia e Gestão. Nada mais justo o que seu pai fez, colocou o filho como presidente de suas empresas. Infelizmente a mãe de Marley morreu nesse curto período, mas ele continuou como presidente. E, após alguns meses, ele passa o primeiro *reveillon* sem sua mãe e, conseqüentemente, o resto do ano.

Ao passarem mais alguns meses, ele percebe que os gráficos dos armazéns cresciam cada vez mais, e prevê que ia ter muito mais comida nos armazéns estragando do que vendendo. Ao falar para seu pai que eles deveriam parar as produções por um longo tempo, o pai alegou que ele estava louco e que ainda estava sentindo a perda da mãe. Com isso, despediu seu próprio filho.

Após três meses, veio a quebra da Bolsa de Valores e, com isso, a grande depressão. E o pai não aguentou a pressão e suicidou-se, como outras várias pessoas.

Claro que agora Marley seria o dono de todas as coisas com o nome de seu pai. Seu trabalho seria reerguer as empresas do pai. E, por fim, teve uma ideia brilhante, de usar todas as empresas juntas, pelo menos uma parte delas, para desenvolver produtos novos, que seriam chamados de salgadinhos. E saiba que isso virou uma febre, não só no país dele, mas no mundo todo, já que a moda era a industrialização.

Hoje, Marley está com 95 anos, vive bem, mas teve a infelicidade de estar nas duas Guerras Mundiais. Ele faz parte da pequena parcela de pessoas que vivenciou as duas Guerras Mundiais.

Thiago Turra Carvalho de Moraes

Quando eu menos esperava

- Adriele! Seu pai está morto! Segue em frente, ele nunca irá voltar para a gente! - Minha mãe disse, segurando firme em meus braços.

Mesmo com o que ela falou, eu não me abalo, eu acredito no meu pai, ele irá voltar. Desde que ele foi para a Grande Guerra, eu, minha mãe e meu irmão Daniel nos trancamos dentro de casa, devido ao medo de minha mãe de que os homens nos sequestrassem.

Ela solta meus braços assim que ouve uma batida na porta e pede para nos escondermos. Eu pego meu irmão pela camisa e, correndo, puxo-o para a cozinha.

Vozes ecoam pelos corredores da casa, chegando aos meus ouvidos. São militares. Mas o que estariam fazendo aqui?

- Adri, eles estão perguntando sobre crianças. - Meu irmão fala baixinho, com medo.

- Faça silêncio, eles podem nos ouvir. - Falo, abraçando-o, pois estava com tanto medo quanto Daniel.

- Não me levem, não me levem! Eu não tenho nada que vocês querem, sou apenas uma camponesa inocente! - Mamãe grita.

- Adri! Faça alguma coisa, estão a levando!

- Eu não posso, irão matá-la por mentir, e nós também, por termos o que querem. - Explico.

Um tempo se passa e não ouvimos mais nada, apenas a respiração pesada de meu irmão. Eu respiro fundo e me levanto.

- Vamos, levante, Daniel, precisamos ir atrás de comida e de um lugar para ficar. Se eles já vieram aqui uma vez, podem muito bem vir de novo, isso significa que aqui não estamos seguros.

Pego-o pela mão e, com cautela, saímos da cozinha. E, pela última vez, da porta da casa em que passamos todos os melhores momentos como uma família completa e feliz.

Estava frio, e tínhamos poucas roupas no corpo. Em casa, já não tínhamos comida há uma semana, sobrevivíamos apenas com um pedaço de pão por dia, que mamãe roubava.

- O que iremos fazer a respeito da comida? - Daniel quebra o silêncio. - E o dinheiro?

- Eu não sei, Daniel, acho que o mais importante no momento é arranjarmos um lugar para nos esconder e passar a noite.

Eu sinto a mão do meu irmão se soltando da minha e me viro para trás.

Um homem, do exército, segurava meu irmãozinho pelo pescoço com uma arma apontada diretamente para sua pequena cabeça. Eu fico em choque, paralisada. Já passamos por tudo, mas nunca, na minha vida, esse momento passou pelos meus pensamentos. E eu achando que conseguiria o proteger a todos os custos, independente da situação; e, no momento em que colocamos o pé para fora de casa, eu já o coloco em situação de risco. Mas eu estava errada, e como estava.

- Não, senhor! Não faça nada com ele, pelo amor de Deus! Me leve, me leve! Eu sou a culpada, a quem vocês querem. Meu irmãozinho nunca fez nada. - Me manifesto, morrendo de medo da escolha do tal homem.

Sem parecer ter me ouvido, ou sequer se importado, aperta o gatilho. A bala entra em Daniel em uma fração de segundo. Suas pernas finas começam a perder a força e cai de joelhos no chão áspero da cidade. Meus gritos ecoam por todos os cantos.

- Só me restava ele! Era a única pessoa que eu tinha! Era meu dever protegê-lo, mas nem isso eu consigo fazer! - Grito o mais alto que eu consigo. Lágrimas correm pelas minhas bochechas. - E você! É tudo sua culpa! Eu nunca mais vou poder ouvi-lo, incomodá-lo, como sempre fazia, abraçá-lo e falar para ele que tudo ficaria bem, que o protegeria...

O tal homem me segura pelos braços e cabelos, mas, felizmente, de alguma forma, eu me solto e corro.

Corro como nunca corri antes. Tanto que minhas lágrimas acabaram secando por conta disso.

Chegou a um ponto que eu nem sabia mais onde estava, e paro. Era um... penhasco? Acho que sim. Era um lugar bem alto.

Fiquei lá, pensando, por um bom tempo. Tentei me acalmar, mas não consegui, até que eu olhei para baixo e pensei que seria uma ótima ideia se eu estivesse lá... lá embaixo. Caindo.

Nunca cometeria o mesmo erro que acabara de cometer, e não me sentiria mais com tanta culpa a ponto de me suicidar, porque já estaria morta.

Viro-me de costas e fecho os olhos, direcionando-me cada vez mais perto da ponta e, ao abrir os olhos, eu me jogaria à infinita felicidade e paz mental de que precisava e que felizmente mudaria o destino o qual, nas

últimas horas, eu tanto evitava... de decepcionar mais alguém por um erro meu.

Abro os olhos e sinto meus pés já perdendo o equilíbrio, quando, o homem, que eu pensava em nunca ver na vida novamente, está bem ali, apenas a poucos passos de mim.

Meu pai... estava bem ali. Passei por tanta coisa que não sabia mais diferenciar o real da alucinação, então perguntei:

- É isso mesmo? Você está vivo aqui, na minha frente?

- Sim, filha. - Ele diz. Lágrimas se formam em seus olhos.

Meu pé escorrega, e eu caio. Nesse momento, eu me arrependi pela última vez. Eu ainda tinha uma chance, ele era a minha chance. Mas quando meu outro pé escorrega, toda a esperança que eu tinha foi embora, meu futuro acabou de ser destruído, novamente, por mim. A alegria de poder ver meu pai de novo se transforma em tristeza, por nunca mais ter a oportunidade de ver seu rosto ou sequer o abraçar.

É sempre quando a gente menos espera, não é? Quando a gente menos esperava, nossa mãe foi sequestrada. Quando eu menos esperava, meu irmãozinho foi morto a tiros. Quando eu menos esperava, minha vida virou de ponta-cabeça e me deu uma chance.

Quando eu menos esperava... meu pai me segurou.

Raquel Cardoso de Camargo

Meu velho lar

Normalmente, em dias como este, eu estaria me divertindo com alguns amigos, brincando ou fazendo algumas besteiras entre lojas e ruas. Porém, não mais. O país, que eu tanto admirava e amava, se tornou pouco a pouco o meu inferno pessoal.

Em um fatídico dia, fomos convencidos com palavras de inspiração, apoio e a imagem de alguém que nos ajudaria, apenas para nos depararmos com a autoritária verdade. Fomos enganados e, agora, éramos ignorados e tratados como a “minoría”, sem poder ou direito de escolha. “Apenas abaixe a cabeça e concorde, pelo menos assim não acaba morta.” É o que me dizem, mas simplesmente não consigo aceitar o fato de ser repreendida pela pessoa em quem mais deveria confiar.

A indignação, tristeza, decepção, revolta, entre outros milhares de sentimentos negativos que me acompanhavam apenas se acumulavam em meu peito, e agora davam origem a apenas uma vontade, que era alimentada por um pequeno resto de esperança que havia guardado em meu peito. Não comentei nada para nenhum amigo, muito menos para meus pais. A ditadura tem ouvidos por todas as partes, e o menor indício de uma opinião concreta era rotulado como um “pensamento resistente”, e ser rotulada assim, em um momento como esse, não era algo que eu queria.

Algumas mentiras contadas por aqui e ali, e logo pude chegar a meu objetivo, a estação de trem. É um lugar com o qual não estou muito familiarizada, mas, ao mesmo tempo, estou disposta a fazer todo o possível para sair daqui. E, foi quando estava em frente ao trem, esperando ser chamada para embarcar, que inspirei profundamente e, por um momento, senti todos os meus problemas se afastarem. Seria ótimo se esse breve momento tivesse durado ao menos dez segundos, antes de sentir o chão tremer e me arrepender de olhar para o lado.

A “Forza Armata” se aproximava.

Tudo aconteceu rápido demais, e a única coisa que consigo descrever foram os pequenos “flashes” de momentos que minha mente me permitiu captar. Primeiro todos os passageiros foram expulsos do trem, e então interrogados. Os militares passavam de um a um pela fila, e logo chegaria minha vez.

Congelei onde estava assim que avistei as armas em suas mãos, sendo apontadas para os passageiros que buscavam desesperadamente por suas

identidades e passaportes. Sem pensar ou processar o que estava acontecendo, me afastei lentamente, como se uma força misteriosa me falasse o que fazer; e, naquele momento, o que a força dizia era “corra”. E foi o que fiz, me afastei até sair da vista dos militares, me aproveitando de meu tamanho para me esconder entre outras pessoas, que, assim como eu, estavam tentando fugir. Comecei a correr quando estava em uma distância segura, sem olhar para trás e muito menos quando os altos barulhos de disparos ecoaram por toda a estação de trem.

Como uma cachorrinha assustada, corri para casa, evitando olhar meus pais nos olhos, com medo de que percebessem a palidez e o medo contido em meu rosto. Devia uma pequena explicação a eles, e lhes disse que havia passado a tarde na casa de Giovanni; e não levou muito tempo para acreditarem em mim, mas levaram dias para minha mente se acalmar sobre os acontecimentos da estação de trem.

Quando me senti bem o suficiente para sair de casa sozinha novamente, tentei ir para lugares que antes me traziam felicidade, como a biblioteca ou a padaria do senhor Alessandro. Com alguns livros emprestados da biblioteca, guardados embaixo de meu braço, fui até a padaria, estava com saudades de tomar um bom café e aproveitar meus livros sem interrupções. Infelizmente, me perdi em meu desânimo, observando as pessoas caminhando em frente à cafeteria, por uma das janelas, imaginando como elas viviam e o que faziam de tão importante em uma quarta-feira à tarde.

Estava tão entretida com a janela e a visão de fora, que não percebi a pessoa que acabava de se sentar em minha frente e me observava pacientemente, esperando o momento em que a iria perceber ali. Quando a olhei, não consegui conter um grito com o susto levado. Em minha frente, havia sentado uma mulher, morena e de cabelos escuros, com os olhos tão verdes e vívidos quanto a própria natureza. Permanecemos em silêncio por um tempo, com a mulher me olhando como se me analisasse, até proferir as primeiras palavras desde que havia chegado.

“Você é a garota da estação de trem.” Foi tudo o que disse, com o tom de voz baixo e calmo, como se não quisesse que mais ninguém ali nos ouvisse.

“Perdão?” Disse, não sabia quem ela era e muito menos me lembrava de seu rosto quando fui à estação.

“Há quatro dias, houve um tiroteio na estação de trem, eu estava lá, e você estava em minha frente.” Deu uma pequena pausa antes de prosseguir. “Por que ias para a Suíça?”.

E aí estava a pergunta a que mais temia responder, principalmente para um desconhecido.

“Eu ia viajar, visitar alguns parentes e amigos.” Foi o que tinha pensado em falar caso me perguntassem sobre o trem, mas aparentemente a mulher não se contentava com minhas respostas.

“Sozinha? Sinto muito se for rude de minha parte, mas, garota, quantos anos você tem?”.

“Quinze... Meus pais me deram permissão para ir sozinha visitar meus tios”.

“Entendi, você estava fugindo. Não vou julgar, eu também estava.”.

O porquê de ela chegar àquela conclusão era desconhecido para mim, mas havia entendido que não conseguiria escapar da conversa facilmente. Não lhe respondi, apenas tomei mais um gole de meu café, e acho que meu silêncio foi uma resposta mais do que suficiente para ela.

“Eu posso te ajudar. Com o novo governo, não se pode sair sem um comprovante de dupla cidadania ou uma carta de alguém do lugar te convidando para ficar lá. Mas se você quiser sair daqui, tem que deixar sua vida para trás.”

Olhei-a e deixei minha caneca de café, agora vazia, na mesa.

“Você está disposta a deixar tudo para trás? Sua cidade, seus amigos... Seus pais.”

Ouvi-la falar me fez pensar se realmente queria isso, abandonar minha família e minha pátria, meus amigos e conhecidos, apenas para fugir do governo, como uma covarde. Mas, ao mesmo tempo em que amava tudo e todos aqui, sentia que tudo estava mudando tão rapidamente. As ruas pareciam sem vida, as pessoas estavam se tratando com mais frieza, e todos estávamos vivendo com medo de sermos mal interpretados. Tudo parecia tão frio e sem cor, que, por um momento, cogitei a ideia de simplesmente concordar com tudo e pegar um trem imediatamente.

“Eu sentiria falta da minha família e de meus amigos, mas talvez eu queira ir para longe.”

A mulher estende a mão para mim e me dá um sorriso simpático, esperando que eu apertasse sua mão, e foi o que fiz, um pouco hesitante.

“Pode me chamar de Zia, eu vou ajudar você a ter um novo lar.”

Finalmente soube seu nome, mas ainda não tinha certeza se deveria lhe dizer o meu. Zia soltou minha mão antes de voltar a me fazer perguntas.

“Você sabe falar espanhol?”

Respondi com um simples aceno, e ela me lançou um outro sorriso.

“Então, me encontre aqui amanhã de novo, eu vou te falar exatamente o que você tem que fazer; e, em menos de uma semana, pode ir embora.”

“E como posso ter certeza de que você não está trabalhando para o governo e quer me prender?”

Ela dá uma risada baixa e responde em um tom calmo.

“Eu admiro sua desconfiança, ela pode te ajudar muito no futuro. Mas pode ter certeza de que eu não estou planejando nenhuma emboscada ou algo do tipo.” Ela diz enquanto brinca com as próprias mãos, como se fossem algum brinquedinho que a distraísse da seriedade da conversa. “Eu moro do lado do seu prédio, já te vi várias vezes por lá. No subterrâneo da loja, ao lado, é onde eu fico, trabalho com muitas papeladas, pode ir ao meu escritório mais tarde se quiser. Um garoto ruivo fica na recepção, diga que está procurando pela Zia e entregue esse papel para ele.” Ela me passa um papel discretamente, olhando em volta, tendo a certeza de que ninguém nos observava. “Boa sorte, garota.” Zia já estava em pé, deixou um pouco de dinheiro na mesa, a quantia exata para pagar por meu café e saiu da padaria rapidamente.

Pude observá-la passar, pela janela, e percebi que ela não se destacava de nenhuma outra pessoa passando, apenas parecia cuidar de sua vida e trabalhar, assim como os outros. De certo modo, perceber isso me fez pensar. Será que tem mais pessoas que pensam como eu entre todas essas ruas cinzentas, e não são percebidas assim como Zia? Acho que a resposta poderia apenas ser encontrada em seu escritório.

“Vou dar uma passadinha na casa de Giovanni, volto mais tarde.” Foi o que eu disse, antes de sair de casa, para meus pais.

Estava prestes a me encontrar com Zia novamente, mas não podia simplesmente sair sem deixar uma justificativa, afinal, ainda eram meus pais e, por mais que estivessem me tratando com mais frieza, ainda se preocupavam comigo.

Foi uma caminhada de menos de um minuto, a loja era realmente do lado de minha casa, e a pequena escada que dava para o subterrâneo era algo bem evidente. Quando descí as escadas, dei de cara com uma papelaria;

e, no balcão de atendimento, um garoto ruivo, brincando com algumas canetas, bem desinteressado. Me aproximei do balcão e limpei minha garganta, tentando chamar sua atenção, o que funcionou.

“Eu vim falar com a Zia... ela está?” Perguntei enquanto tirava o papel do bolso e colocava na mesa devagar.

O garoto me olhou bem, me analisando, assim como Zia fez quando se encontrou comigo mais cedo, e pegou o papel.

“Venha.” Disse o garoto, enquanto abria a pequena portinha que ligava ao outro lado do balcão. “Ela fica atrás daquela porta, bata antes de entrar.” Apontou para uma porta ao fundo do espaço onde estava trabalhando, meio escondida entre papéis e caixas.

“*Grazie.*” Entrei em seu pequeno espaço e fui até a porta do fundo. Bati e aguardei um pouco, até ouvir Zia me mandar entrar. Abri a porta e entrei, e me deparei com uma pequena oficina, com as paredes à prova de som, e Zia, mais ou menos ao centro, fazendo algo em algum tipo de máquina.

“Garota! Você veio.” Ela me cumprimenta com um sorriso, que retribuo com um aceno.

“Eu queria checar se você não tinha mentido, desculpe se te interrompi em algo.”

“Não se preocupe, *bella*, é bom que você esteja aqui, quero saber se você gosta do nome Fernandéz.”

Enquanto ela falava, eu analisava sua sala. Não tinha muitas coisas, apenas alguns papéis e máquinas espalhadas de uma maneira um tanto organizada.

“Eu acho engraçado, mas até que é bonito. É espanhol ou português?”

“Sim, queria pensar em um bom sobrenome espanhol. Que bom que você gostou, eu gosto de ter outras opiniões.” Zia retirou as luvas, que antes usava, para manusear a máquina de antes. “Quer tomar um chazinho? Ou comer alguma coisa? Eu nem ofereci nada, que mal educado da minha parte.”

“Não precisa, Zia, realmente, eu deveria...” Fui cortada por Zia, que se aproximou e deu uns tapinhas fracos em minhas costas.

“Eu insisto, querida, vem, podemos conversar enquanto comemos, e logo você pode voltar para casa. Ou você tem algum horário para voltar?”

“Não...”

“Então, que ótimo! Vai ser rapidinho, só para você não sair sem comer nada também.”

E assim foi, não consegui dizer não a ela, e acabamos conversando enquanto tomávamos chá, e ela insistiu em me acompanhar até o portão de minha casa.

O dia acabou e outro começou em um piscar de olhos, não me lembro do que conversei com meus pais quando cheguei à minha casa, muito menos quando me deitei na cama e dormi como uma pedra, mas me lembro perfeitamente de acordar e me arrumar para ir até a padaria, assim como no dia anterior.

Pedi um café, me sentei à mesma mesa do outro dia e levei um livro para não parecer suspeito, um simples café poderia levar qualquer um à morte.

Em alguns minutos Zia chegou, pediu um café, assim como eu, e veio até minha mesa, com uma revista em mãos.

“Bom dia.” Ela me cumprimentou.

“Bom dia.” Respondi.

“Antes de conversarmos sobre isso, você se lembra do plano, certo? Sabe o que vamos fazer. Quer continuar assim mesmo?”

Eu posso ser teimosa e talvez um pouco birrenta sobre algumas coisas, mas tem algo de que tenho certeza: não sou estúpida. Eu sei muito bem que qualquer palavra e movimento, no momento errado, podem nos mandar para a cadeia, mas, ao mesmo tempo, sabia que não fazer nada era me submeter a algo que não era aceitável. Ontem, Zia me contou o plano dela para mim, era extremo e arriscado, mas eu aceitei trabalhar com Zia para ajudar outros que também precisavam.

“Sim, vou continuar.”

Zia sorri de maneira reconfortante e pega algo do bolso.

“Então creio que isso seja seu.”

Ela coloca o que pegou do bolso embaixo da revista que trouxe e a empurrou para mim, esperando que eu olhasse com cautela.

Quando ergui a revista, vi alguns papéis amontoados, era um passaporte e uma identidade, ambos com fotos minhas. *Rachel Fernández Carriedo*.

“Aparentemente sim. Obrigada, Zia.”

Guardei tudo em minha bolsa rapidamente.

“Em quatro horas, você vai para a estação de trem de novo e pegue o trem treze. A partir de lá, você sabe o que fazer.”

Apenas concordei, e depois dessa conversa tomamos nosso café e rimos sobre algumas besteiras que víamos por ali. De certa maneira, parecia que tinha voltado no tempo e estava tendo um encontro com uma velha amiga, mas não durou muito. Logo tivemos que ir por caminhos separados, ela voltaria para sua oficina, e eu tinha que me arrumar para ir até a estação de trem. As mochilas escondidas embaixo de minha cama logo estavam em minhas costas, e eu saí com passos sorrateiros de casa, mesmo sabendo que meus pais provavelmente estivessem fora de casa, não queria arriscar nem um segundo.

Caminhei até a estação de trem e esperei na fila, por um bom tempo, até analisarem meu passaporte e identidade. Com o nervosismo aumentando a cada segundo que passava, insegura de notarem algo diferente sobre meu passaporte, tentei me distrair, olhando as pessoas em volta.

“Tudo certo, pode entrar.”

Nunca pensei que palavras tão simples me deixariam tão aliviada. Agradei ao homem, retomei meus pertences e logo entrei no trem, esperando o resto dos passageiros entrarem para o trem sair.

Foram duas horas de trem, nas quais passei dormindo até, finalmente, chegar ao meu destino. Desci do trem, peguei o papel com o endereço que Zia me deu, quando fui a seu escritório, e caminhei até o lugar, onde me encontrei com um homem, me esperando na frente da casa em que ficaria.

Ele me olha, sorri e vem rapidamente me dar um abraço de boas-vindas.

“Prazer! Eu sou o Antônio, eu vou ser um dos seus colegas de quarto.” Ele disse animado enquanto me levava para dentro da casa. “Essa agora é sua nova casa. Bem-vinda à Espanha, Rachel.”

Espanha, essa é minha nova casa como Rachel. E, daqui, a Itália não vai conseguir me deter, porque eu não faço mais parte de meu velho lar.

Lavínia Tramontina

Morte ao judeu

Em 1942, os nazistas começaram a perseguir os judeus, e esses judeus eram levados para os campos de concentração, onde ocorreu o Holocausto, que foi um genocídio em massa com cerca de 6 milhões de judeus, e depois foi considerado o maior genocídio do século XX.

Mais um dia começa, Rayna acorda, desce as escadas e vai correndo à cozinha para tomar o seu café da manhã com os seus pais, Boris e Maria. Rayna senta, pega a faca e corta um pedaço de “pão de ló”. Um típico café da manhã dos judeus!

Ela está prestes a botar o pedaço na boca, mas para, ao escutar a pergunta de sua mãe:

- Está animada para amanhã, filha?

Rayna responde:

- Como não estaria, amanhã completo 17 anos. - E bota o pedaço do pão em sua boca.

Eles acabam de comer, e a menina sai correndo para uma espécie de porta secreta embaixo da escada. Ela abre a porta como se já soubesse o que tinha no outro lado. Ela desce uma escada que tem logo na entrada e chega ao porão. Lá tinha um rádio e vários desenhos na parede. E, do outro lado do porão, tinha outra escada, mas essa tinha um alçapão em vez de uma porta, em que entrava, entre as brechas, uma luz muito clara.

Ela para na frente do rádio e o liga, senta e passa o dia inteiro na frente do rádio, ouvindo as notícias e as imaginando.

Ela vai, no final do dia, jogar o lixo fora e encontra os seus vizinhos, jogando o lixo deles fora também. Eles se cumprimentam, e Rayna volta para casa e vai dormir.

Um dia da manhã, a garota acorda ouvindo gritos de pessoas querendo ajuda. Ela vai para a janela e vê seus vizinhos sendo levados pelos nazistas. Ela sai correndo para acordar os pais, mas eles já estavam acordados. A mãe manda a filha fugir, então Rayna sai correndo e entra na porta embaixo da escada de novo. Fica na frente do rádio, chorando, e escuta o barulho de uma porta sendo arrombada, e a mãe gritando. E, no fim, um barulho de tiro.

Sem saber o que fazer, ela sai pelo alçapão da outra escada e dá de cara com o lado de fora e um nazista. Ela olha para o soldado e fica encantada, mas como era um soldado, ela desesperadamente tenta fugir.

Ele a segura e pede para ela se acalmar e fala que irá ajudá-la. Fala para ela fugir e encontrá-lo em Dessauer str.

Ela corre desesperadamente para uma praça, que fica perto da sua casa, e chora por não saber o que aconteceu com sua família e o que ela vai fazer agora. Pensa no pedido do nazista e percebe que ela não tem nada a perder se for até lá, então vai.

Ela fica o esperando atrás de um carro. Então, depois de um tempo, vê um homem loiro e alto, com os olhos azuis como o céu. Na hora, ela vê que é o mesmo que a mandou encontrá-lo lá. Então corre na direção dele, porém ele estava com uma cara de que não queria tê-la visto. Como a rua estava escura, ela não percebeu que tinha uma pessoa atrás dele, um cara armado, que a manda abaixar e se deitar no chão. Naquela hora, ela pensou que tudo aquilo tinha sido uma armadilha, e ela não entendia por que ele não tinha só a prendido antes.

Então o cara de trás dá um tiro no soldado que a havia liberado, ela entra em desespero e começa a gritar. Todos os moradores ao redor começam a olhar pela janela. Ela pede ajuda para todos, mas o homem começa a falar com ela:

- Não grite, todos aqui sabem que você é judia.

Nessa hora, todos os moradores voltaram e fingiram que nada estava acontecendo lá fora.

- Quando entrei em sua casa com o meu esquadrão, vi você tentando fugir e vi que um de meus soldados havia deixado isso acontecer. Então usei isso como uma armadilha para você. Ah! Antes de eu te matar, quantos anos você tem?

Ela responde:

- 17, fiz hoje, eu iria sair com a minha família, senhor.

Ele retruca:

- Que pena! Mas, parabéns!

E, depois, só se ouve um barulho de tiro e se vê sangue pelo chão.

Gustavo Vieira Mohamed

O caminho do samurai

A guerra russo-japonesa estava próxima do fim, e um dos principais combates estava bem perto, o qual mais tarde seria conhecido como Batalha de Mukden. O jovem soldado Kentaro Oda se destacava entre os 270 mil homens do exército imperial japonês, mesmo tendo apenas 16 anos já havia matado mais de 30 soldados. Kentaro não seguia o caminho da espada nem de nenhuma outra arte marcial. Ao nascer, foi abandonado na frente de um templo xintoísta, e lá cresceu. O jovem sempre admirou os monges do templo, não era qualquer um que conseguia seguir o *kami no michi* (caminho dos deuses), sendo capaz de resistir à tentação do mundo dos homens, sem ter cobiças ou ganância, seguindo o curso da natureza. O recruta teria provavelmente se tornado outro seguidor dessa filosofia, mas, infelizmente, o destino tinha outros planos para ele.

Tudo isso começou em janeiro de 1904, soldados de alta patente foram ao templo xintoísta onde o garoto crescera, com o intuito de levar um de seus mestres à guerra, todavia Kentaro se ofereceu no lugar, mesmo sendo apenas uma criança. Todos os monges foram contra, porém os funcionários do império acharam que um jovem seria mais útil na guerra que um idoso, então o levaram.

Desde então, cerca de um ano se passou, e o menino havia se tornado um homem. Passara por incontáveis batalhas, nas quais descobriu seu dom com a espada. Todos começaram a elogiá-lo por ser tão hábil, contudo, o que os outros viam como algo invejável ele tinha repulsa, se sentia cada vez pior, pensava que, mesmo que conseguisse sair vivo da guerra maldita, não seria mais capaz de seguir o caminho de seus mestres.

No dia seguinte, ocorreria a batalha para acabar com a guerra, e por isso Kentaro afiava a lâmina de sua espada, quando chegou uma pessoa em seus aposentos:

- Você é o grande Kentaro Oda de quem todos falam?
- Sim, sou eu. O que queres comigo?
- Mesmo sendo um dos principais soldados do império hoje em dia, você não aparenta estar feliz.
- Realmente, não estou. Sempre quis ser um monge, mas fui arrastado para esta guerra e agora sigo este caminho terrível e sanguinário da espada.

- A espada é uma arma, porém não é por isso que ela só traz desgraça para as pessoas. Isso acontece porque não somos verdadeiros samurais, o verdadeiro samurai é aquele que não precisa de espada.

Após isso, o samurai foi embora e o jovem continuou a afiar a sua espada, entretanto agora com uma dúvida na cabeça, o que o samurai queria dizer com: “o verdadeiro samurai é aquele que não precisa de espada.”?

O dia da batalha chegou, o ataque nipônico foi um sucesso, os russos não esperavam, e foram mortos facilmente.

Depois da vitória, Kentaro voltou ao Japão, onde agora tinha várias regalias, no entanto ele as abdicou e se tornou um andarilho. O homem não foi mais ao templo, por se achar impuro demais para aquele local, e com isso começou a viajar por todo o império japonês, sempre passando cerca de apenas uma noite nos locais.

Sem rumo na vida, ele decidiu aceitar seu talento e começou a procurar alguns mestres de artes marciais e samurais para enfrentar. Não obstante ele estava mais de 300 anos atrasado, já fazia muito tempo que a maioria dos seguidores das filosofias bélicas já havia sido extinta, mesmo no exército, ele era um dos únicos que não usava armas de fogo.

Depois de anos vagando, ele ouviu boatos sobre um velho senhor que morava no topo de uma montanha, esse senhor seguia o caminho da escola do *HyohoNitenIchiRyu* (estilo de espada que usa duas espadas em vez de uma), criada pelo maior samurai de todos os tempos, Miyamoto Musashi. Kentaro, ao saber disso, o desafia para um duelo, mas ele é gentilmente recusado. O jovem fica enfurecido com a resposta e, quando o velho dorme, ele entra em sua casa e tenta matá-lo. Todavia, ao sacar sua espada, ele sente uma pressão enorme no ar vindo do senhor, deixando-o apavorado, então Kentaro sai correndo e foge da casa.

No dia seguinte, KentaroOda finalmente percebe o que realmente era o caminho do samurai, não era ser o mais forte de todos, era poder evitar as lutas e conflitos sem derramar sangue. E, ao alcançar esse patamar, ninguém seria capaz de enfrentá-lo, pois alguém que não tem sede de sangue espanta qualquer guerreiro.

Yohan Gomes da Mata Kanzaki

O grande dia

Angelita acordou animada depois de meses de espera, finalmente seu aniversário havia chegado. Vivendo em um país no meio da Guerra da Espanha, onde o medo de este ser atacado era constante, passou a se distrair pensando em tudo o que faria aos seus 15 anos. Quem sabe suas regras finalmente chegassem?

Toda segunda-feira, como era aquele 26 de abril, agricultores da região se encontravam em uma feirinha, e nisso as pessoas da cidade Gromca quase duplicavam. Angelita adorava ir para lá com seu pai e ouvir as histórias das pessoas, e não podia ter sido diferente no seu dia.

Às 9:30 da manhã, após ter lanchado, recebido solicitações e presentes, saíram de casa em direção à feirinha, e lá Angelita passou quase uma hora conversando. Na cidade, para algumas pessoas, a guerra já havia marcado presença e ficaria cada vez mais difícil de continuar lá.

“Que bom que ela não chegou!”, pensava Angelita, mas uma vozinha irritante no fundo de sua cabeça completava “Ainda!”. Um pouco depois, pai e filha voltaram para casa, onde um bolo e comida os esperavam.

Após o almoço, toda a família acabou ficando cansada e indo dormir, mas Angelita não conseguia, revirando-se na cama, quando, de repente, ouviu estouros seguidos de gritos.

Sentindo um aperto no peito, olhou pela janela, mas sua visão não passaria por toda aquela fumaça que tinha nas ruas. Correu para o quarto dos pais e viu que eles já haviam levantado, com olhares assustadores.

Abraçou-os como se não houvesse amanhã, quando um outro estrondo acontece. E foi, de um momento para o outro, que Angelita viu o teto desabar sobre sua cabeça.

Todos da família de Angelita morreram, infelizmente foi um dia trágico para aquela família.

Bruno Jordão de Castro

Kevin e sua vida na Grande Depressão

Na época entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, havia um menino chamado Kevin R., que vivia em São Francisco, na Califórnia, que fica nos Estados Unidos. Quando nasceu, seu país estava crescendo e a economia aumentando. Todo mundo estava otimista e rico. Era realmente um paraíso. Mas, no resto do mundo, as coisas não iam tão bem. Havia gente passando fome e vivendo, em geral, uma vida ruim.

Ele tinha uma irmã mais nova chamada Jennifer. Eles moravam com sua mãe, Amanda, e seu pai, Andrew. Quando o pai ia ao trabalho, sempre dizia para ele para cuidar da casa, da mãe e irmã. Andrew jogava *baseball* com seu filho, no parque, toda sexta-feira. Kevin adorava a comida que a mãe fazia. Ajudava a mãe a cuidar da irmãzinha. Gostava de fazer as lições de casa, brincava com Amanda e a protegia de *bullying* na escola. No domingo, iam todos para a igreja. Kevin rezava para que no mundo não houvesse mais guerra. Eles eram uma família feliz.

Seu pai, Andrew, era dono de uma empresa. Logo, sua família estava bem, economicamente falando. Podiam ir jantar fora algumas vezes por semana, comprar roupas e sapatos de qualidade. Tinham uma casa enorme na cidade, além de uma casa de campo para passar o tempo livre nas férias ou nos finais de semana. O pai tinha três carros novos, a mãe tinha incontáveis vestidos, a irmãzinha tinha bonecas que não cabiam no seu quarto e o pequeno Kevin tinha equipamentos de *baseball* da melhor qualidade. O sonho de Kevin era ser o melhor jogador de *baseball* de toda a história. Ele queria ser como Jimmie Fox, Hank Greenberg e outros, que ouvia no rádio.

O sonho de sua irmãzinha era ser atriz de teatro. Ela ficava brincando com as bonecas e fingindo que eram pessoas reais. Muitas vezes, Jennifer fazia mini-peças de teatro para a família. Kevin amava essas pecinhas e sempre elogiava sua irmã, dizendo que ela era a melhor atriz do mundo. Kevin prometeu para si mesmo que a ajudaria a conquistar seu sonho.

Mas todas as coisas boas da sua vida pararam de existir quando a Bolsa de Nova York quebrou. A empresa de seu pai faliu, e seu pai perdeu tudo o que tinha de uma hora para outra. Parecia um pesadelo, mas era vida real. Não dava para acreditar! Tiveram que vender tudo o que tinham: as casas, os carros do pai, os vestidos da mãe, até as bonecas da irmã e seus preciosos equipamentos de *baseball*... Então, seu pai ficou sem nenhum

carro, para sua mãe só restou o vestido preferido, para sua irmã, a boneca preferida e, para Kevin, apenas sua bola e seu taco de *baseball* preferidos.

Naquela época, mal comiam, mal brincavam, mal riam, mal tinham dinheiro, tudo era mau! A vida tranquila e formosa que eles tinham desapareceu do nada. A única coisa que o movia para frente era o dever de proteger sua família, seu sonho de ser jogador de *baseball* e o de sua irmã. Sua mãe foi para rua tentar vender qualquer coisa que conseguisse. Kevin e sua irmã tentavam pedir dinheiro também na rua. Seu pai tentava achar um emprego e, depois de algum tempo, conseguiu achar um emprego. E sua família passou a viver em um estado relativamente estável e tranquilo. Então, Kevin voltou a jogar *baseball* com seu pai, e sua irmã conseguiu mais algumas bonecas.

Kevin estava crescendo e aprendendo sobre o mundo. Descobriu que a Alemanha ganhou um novo líder, chamado Adolf Hitler, que estava fazendo coisas inumanas com judeus e outras minorias; que a Itália também tinha um novo líder, chamado Benito Mussolini; e, no Japão, algo parecido estava acontecendo. Nos Estados Unidos, havia então um novo presidente, Franklin D. Roosevelt, que prometeu instaurar a New Deal, que seria uma série de programas, projetos públicos, reformas financeiras e leis, que faria se recuperarem da Grande Depressão.

Kevin não sabia o que viria no futuro... Só imaginava que muitas coisas mudariam e que teria que proteger sua família. Mas nunca desistiria de realizar seu sonho de ser o melhor jogador de *baseball* e de ajudar sua irmã a ser a melhor atriz do mundo!

Bruno Hotza

Mittler, um herói de mentira

Olá, meu nome é Peter Venshlauss. Neste papel, irei escrever minha história desde o fim da Grande Guerra até meu provável fim de vida.

Em uma manhã ensolarada, marcava um ano desde que a Grande Guerra aconteceu, toda a Alemanha estava em colapso por causa dos impostos altíssimos, dos desgraçados dos judeus - guardando todo o dinheiro e ganhando muito mais por motivos ridículos - e a condição da polícia - sendo afetada por causa do acordo de Versalhes.

Eu trabalho como pintor de rua, e meu salário não consegue sustentar minha mãe, minha irmã, meu pai e a mim; por isso, quando dá por volta das 3:00, somos obrigados a roubar pequenas lojas de comida para nossa sobrevivência.

E isso continuou por dois anos consecutivos até um dia, quando um homem, por volta de 50 anos de idade, de barba grande e grisalha e óculos redondos bizarros, bateu em minha porta perguntando se eu estava interessado em fazer encontros com outros artistas da Alemanha, e foi aí que tudo começou.

Depois de receber esse convite, fiquei impressionado e achei que seria uma ótima oportunidade pras minhas obras poderem ir para galerias e eu poder finalmente ter a vida que sempre quis com minha família, então acabei por aceitar.

Então, quando cheguei ao estabelecimento marcado, em uma cidade a duas horas da minha, vi muitos artistas de lugares diferentes da Alemanha, e todos muito bons, mas um deles me chamou mais a atenção, que foi Rodolfo Mittler, ele tinha pensamentos muito parecidos com os meus e isso me chamou muita atenção. Depois de conversar um pouco comigo, ele achou viável compartilhar comigo uma informação sigilosa. Mittler queria criar um partido para vingar nosso povo, pelo que todos os países nos fizeram fazer com a desgraça do acordo de Versalhes e por todos os judeus, que não nos ajudaram na Grande Guerra.

Quando ouvi Mittler falando daquele jeito, meus pensamentos mudaram, e eu não queria mais ser um artista, e, sim, um político junto com Mittler, mas isso foi tudo um grande erro.

Mittler, depois de alguns encontros nossos, me explicou sobre campos de concentração, que, do jeito que ele me explicou, seriam simplesmente geniais. Naquela época, na minha cabeça, eu estava vendo um herói que iria

me salvar e que também iria salvar toda a nossa população. E, no final da frase, ele falou que todos os projetos só precisariam ser postos em prática e que ele até já tinha fundado o partido. Que idiotice a minha em aceitar a me juntar a ele.

E, então, tudo começou, o partido estava nas ruas, ele começou muito pequeno, como qualquer outro, mas principalmente porque não tínhamos dinheiro. Então, depois de um tempo, o povo mais pobre e mais afetado pelos outros países começaram a se juntar a gente; e, então, o partido foi crescendo, e, depois de muito tempo e trabalho, nosso “herói” foi presidente do país inteiro.

Mittler, como havia dito, começou a botar os pensamentos em prática, ele me botou como deputado federal e começou a implantar os tais “campos de concentração”. E, quando vi eles funcionando, achei incrível, estava tudo do jeito que eu queria; depois disso, comecei a conseguir dar condições à minha família e ainda estava me vingando de todos que fizeram mal à minha família e a mim.

Mas essa ilusão que Mittler estava projetando no país inteiro acabou pra mim na pior hora possível, que foi quando passei perto de um dos campos de concentração e vi todo o real terror. E, quando fui ver por dentro, eu acabei vendo uma das piores cenas da minha vida, que foi um grupo de crianças judaicas morrendo por um gás mortal em uma sala pequena, projetada por Mittler para matar judeus; e, por mais que fossem judeus, pra mim isso era muita crueldade.

E, depois de tentar impedir mais crianças de morrerem, eu acabei indo contra o governo. E, quando o major do campo viu o que eu fiz, ele contou pra Mittler. E, depois de uma longa discussão, Mittler me mandou ir embora e ameaçou minha família, além de ter tirado meu cargo no governo. E ele falou que eu tinha uma escolha, ou eram eles, ou era eu. Então, eu disse que eu deveria morrer no lugar deles, e estou esperando Mittler vir aqui me matar.

Caíque Turnes Probst

A Mão do Rei

Há muito tempo, no ano de 1928, poucos alemães continuaram suas vidas normalmente após a grande Primeira Guerra Mundial. Klaus Schmidt, um renomado produtor bélico, ex-soldado e ex-espião, começou a falir com o decorrer do tempo; afinal, a guerra tinha acabado e ninguém mais precisava de suas armas.

Ano de 1929, a Alemanha entrou em crise econômica, Klaus estava desesperado com a situação; porém, uma insubstituível oportunidade surgiu, essa esperança chegou na forma de um homem, Adolf Hitler, que diziam ser um líder capaz de tirar a Alemanha do caos e fazê-la voltar ao que era antes.

Klaus saiu de casa, morava na Rua Oranienburger Strasse, Bairro de Mitte, em Berlim, e antes tinha mandado uma carta a um de seus informantes, para encontrá-lo no Hackescher Markt. Lá, ele ouviu as informações que queria, Hitler estava em Teltow, no extremo oeste de Mahlower Strasse. Klaus foi até a rua encontrar o suposto líder capaz, afinal, era sua única esperança de conseguir lucrar novamente. Chegou ao lugar, encontrou Hitler, conversou com ele, fez inúmeras propostas de ajuda, tanto bélicas, quanto políticas; e, com o tempo, foi conquistando a confiança de Hitler, para futuramente conseguir uma vida pacífica.

O produtor bélico teve que enfrentar diversos opositores do novo partido de Hitler; contudo, os Comunistas marcharam até a Alemanha, e uma guerra intensa teve início contra o Exército Vermelho. Como os Comunistas se auto-proclamaram, Klaus teve que participar da guerra como comandante e soldado, criou diversas estratégias e foi até o verdadeiro campo de batalha, onde perdeu companheiros, viu todos morrerem diante de seus olhos; e, mesmo assim, não saiu morto, apenas ferido, membros intactos. Até que chegou ao pior pesadelo de um soldado, a fortaleza do Exército Vermelho.

Ao anoitecer, Klaus rapidamente tentou se infiltrar na base principal do inimigo, procurou alguma forma de entrar; entretanto, nada surtia efeito, o lugar inteiro estava reforçado, vigiado, nada entrava, nada saía. Ele, rapidamente, pensou em algum jeito de entrar.

Demorou dias para estudar os movimentos inimigos, descobrir uma única forma de entrar na base, até que uma oportunidade surgiu, o carregamento de alimentos, armas e água, a chance perfeita para se infiltrar

na base do inimigo. Quase sem alimentos e água, o carregamento do inimigo apareceu; Klaus, preparado, foi até uma das trincheiras abandonadas, sobre a qual tinha uma ponte, esperou pacientemente até o caminhão chegar perto e rapidamente se esgueirou por baixo, se pendurando na parte mecânica do veículo.

Os soldados inimigos checaram todo o carregamento, com exceção da parte abaixo do caminhão. Klaus adentrou aquele perigoso lugar, deslizou com cuidado até os cantos mais escondidos e escuros, procurou se misturar, e esse pensamento deu uma ótima ideia, abater um inimigo e trocar os uniformes. Com cautela, foi até um inimigo mais isolado e rapidamente o abateu e jogou fora seu uniforme, se vestiu como um dos inimigos vermelhos.

Procurou o comandante daquele exército, o líder Karl Liebknecht, andando até o topo da fortaleza, mas encontrou apenas soldados, alguns mais armados que outros, nada parecia fazer sentido diante daquela situação. Klaus não encontrava o líder em lugar nenhum, tinha procurado da ponta dos pés até a ponta da cabeça, e nada de importante tinha encontrado. Descendo até a base da fortaleza, encontrou soldados extremamente armados em frente a uma porta blindada.

Klaus procurou um jeito de entrar no lugar blindado; porém, não podia usar explosivos, abater os guardas e muito menos ficar visível a eles, tentou pensar em vários métodos, talvez atrair a atenção dos soldados blindados. Quando colocou a mão no bolso, encostou em algo, retirou e viu um “walkie talkie”, apertou o botão mais à direita, entrou o Kanal1 (Canal 1), porém, decidiu que seria uma má ideia usá-lo. Então, pensou em outro jeito de retirar os dois soldados. Klaus se viu encurralado nessa situação, quando, de repente, a porta se abriu, e ele ficou observando, até que um homem bem vestido saiu, usando milhares de medalhas de mérito. Rapidamente, Klaus foi atrás do homem, seguindo-o até um canto da fortaleza; por algum motivo, o comandante Karl ficou parado, separado do resto da fortaleza; Klaus estranhou a ação do homem, decidiu esperar, e nada aconteceu. Foi se aproximando, e a cada passo, um pouco de adrenalina se acumulava, até que, perto o suficiente, Klaus apunhalou o comandante e rapidamente se esquivou para longe do corpo, recobrou a calma e, agora, tinha de sair da fortaleza.

No dia seguinte, Klaus estava de volta a Berlim, ao lado de Hitler. Contou toda a história para o próximo Presidente da República. Suas ações

encantaram não só o povo, mas Hitler. E, com toda essa comoção, ele aproveitou para fazer o que tanto desejava e também eles estavam planejando. Hitler, então, recebeu mais de 1/3 dos votos, se tornou o Presidente da República; e Klaus, forte, calmo e corajoso, ficou conhecido como a “A Mão do Rei”, aquele que serviria o Presidente durante todos esses anos.

Marcos Vinicius Xavier

Fantasma do passado

8 de novembro de 1920, Polônia.

Passei muitos dias trancada dentro de casa, remoendo toda a história, desde que as coisas começaram a desmoronar, e pensando se ainda seria possível consertar a minha vida.

Quando saí da Prússia, tinha um único propósito, fugir das lembranças tristes, entretanto trouxe comigo todas as amarguras do passado. Essa seria a parte da história em que conto sobre ter superado um grande trauma, mas não acho que isso seja verdade. Após a morte de todos aqueles que eu amava, acabei me tornando uma pessoa fria e solitária.

Prefiro não me lembrar do meu passado, mas, hoje pela manhã, quando fui à feira, encontrei um rosto familiar; ao mesmo tempo em que meu coração se partiu em mil pedaços, se encheu de esperança. Era Noah, filho de um amigo do meu pai; nos conhecemos em um jantar na minha casa quando eu tinha treze anos e Noah, quatorze; começamos a namorar escondido quando eu tinha quinze, e tudo acabou abruptamente quando ele completou dezoito e foi alistado pelo exército para participar da guerra.

Quando eu vi aqueles olhos esverdeados, muitas memórias vieram à tona, senti o mesmo frio na barriga de quando o vi pela primeira vez, pensava que Noah estivesse morto, mas ele estava bem ali.

Voltei para casa com um turbilhão de sentimentos, pensando em tudo o que acontecera, as lembranças da época antes de tudo acontecer me pegaram, meus olhos começaram a ficar marejados e já pude sentir as lágrimas escorrendo e molhando mais uma fronha. Minha garganta dá um nó, sinto saudades daquela época, dos encontros escondidos com Noah, do cheiro do café passado pela manhã, do meu pai lendo jornal na sala e das brigas com minha irmã Margot. Lembro-me de como era feliz e me deparo com o presente longe de todos aqueles que faziam cada dia especial. Depois de um tempo, em meio a meu devaneio melancólico, meus olhos começam a pesar e acabo adormecendo.

1 de setembro de 1939, Polônia.

Mais de 20 anos atrás, acabava uma grande tragédia, a qual ainda não consegui superar. E hoje se deu início a mais uma, os alemães invadiram a Polônia, a cidade onde eu morava era dizimada, e os mesmos soldados que tiraram a vida da minha família, hoje tiravam a minha. Assim, após anos de angústia, descansarei em paz ao lado daqueles que amo.

Bianca Salles Gil

Dois amigos

Era uma vez, dois amigos chamados Ralf e Gunter, dois amigos inseparáveis que sempre brincavam juntos, até que, em uma semana, tudo mudou. Ralf se deparou com uma construção, em agosto de 1961, que mudaria sua amizade: o muro de Berlim.

Espantado com tal muro, tão protegido e forte, começou a chorar, pois Gunter morava na parte oriental e Ralf, na ocidental. Ele se lembrou de como eram felizes e que sempre andavam de bicicleta, brincavam de futebol e de lulinha.

Lembrado e chorando por tudo, Ralf ligou para Gunter, quando combinaram um plano “infallível”, cavar um túnel embaixo do muro para se encontrarem, o que não deu muito certo, pois o túnel desabou e, por muito pouco, Ralf saiu vivo.

Passaram-se dois meses, e eles bolaram outro plano, um plano que seria praticamente um suicídio em massa, consistia em armar a população e lutar contra “o muro”. Eles até que conseguiram reunir entre 200 e 300 pessoas, mas tinham apenas duas pistolas. Quase desistindo, Gunter começou a trabalhar no exército; e bem na parte, aonde Ralf sempre ia, ficaram conversando todos os dias e rindo juntos, a amizade havia voltado.

Mas, um dia sombrio acabou com tudo, Ralf tinha problemas psicológicos e fez a cabeça de Gunter para matar todos os que protegem o muro, com ele. Gunter, depois de pensar muito, aceitou. Então, em 1978, Gunter pegou sua arma e disparou em muitos que protegem o muro, pegou uma arma e jogou para Ralf também, quando os dois trocaram tiros por aproximadamente duas horas; foi quando Ralf foi pego com um tiro na cabeça e Gunter foi preso pelo resto de sua vida.

Destruíram tudo o que tinham por uma amizade que teria continuado se eles esperassem até 1989.

Martiniano Majoral



Alunos do 9º ano A

ALICIA FLORES POSSAMAI

ARTHUR CAMPANA

AUGUSTO HENRIQUE DE SOUZA MIRANDA

BIANCA SALLES GIL

BRUNO HOTZA

BRUNO JORDÃO DE CASTRO

CAÍQUE TURNES PROBST

CLARA PEDRALLI TAKASAKI CARVALHO

EMANUELLE GUSE

FRANCISCO OLIVERA MÜLLER

GABRIEL DE ASSIS OLIVEIRA CANELLA

GABRIEL GAIDO KOBAYASHI

GIOVANNA LAPORTA BARBOSA

GUSTAVO CARNEIRO ROSA DE OLIVEIRA

GUSTAVO VIEIRA MOHAMED

IAN MARTINS MENDES

IAN PABLO DONNANGELO FONSECA ALARCON

ISABELA BEZ FONTANA DE SOUZA

ISADORA RODRIGUES PACHECO

JULIA RAMOS DA SILVA

LAÍS NUNES DOS SANTOS

LARA CORRÊA KONRAD

LAVINIA TRAMONTINA PAPAGEORGOPoulos

LUCAS BAPTISTA DE MENEZES

LUCAS SILVEIRA DE SOUZA DAVID

MANOELLA DEBIASI DOS ANJOS

MARCOS VINÍCIUS XAVIER

MARIA EDUARDA DE FREITAS LEITÃO

MARTINIANO MAJORAL

NATÁLIA FULCO MOREDO

PEDRO ALVES BITTENCOURT

PEDRO HENRIQUE PEIXOTO DA SILVA

PEDRO RAFAEL FAUSTINO

RAQUEL CARDOSO DE CAMARGO

THALITA POLIANA DE ALMEIDA

THIAGO TURRA CARVALHO DE MORAES

YOHAN GOMES DA MATA KANZAKI

Professora responsável

CYNTIA REGINA LOPES



ESCOLA DA ILHA

Rua Vera Linhares de Andrade 1910

Florianópolis SC

tellfax 48 3233 5725

www.escoladailha.com.br

escola@escoladailha.com.br